

UNESP – Universidade Estadual Paulista
FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Campus de Bauru

Operários e Imprensa no Interior:
O Operário e O Baurú

Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo

Mariana Ribeiro

Orientador: Prof. Dr. Célio José Losnak

Bauru, novembro de 2014

Sumário

Resumo	4
Introdução	4
1. Construção do movimento operário no Brasil	
1.1. Condições estruturais para formação da classe operária	9
1.2. Movimento operário em São Paulo	10
1.3. Correntes ideológicas no Brasil	14
2. Formação do movimento operário em Sorocaba e Bauru	20
3. Imprensa e Imprensa Operária em São Paulo	27
3.1. Caracterização da imprensa operária	31
4. “O Operário” e “O Baurú”	
4.1 Caracterização geral	35
4.2 Aspectos gráficos e editoriais	42
4.3 Principais temáticas: o universo operário em “O Operário” e “O Baurú”	48
4.3.1. O trabalho e os direitos trabalhistas	50
4.3.2. Abusos no trabalho	57
4.3.3. União de classe	62
4.3.4. Instrução	64
4.3.5. Comportamento	67

4.4. Perfis ideológicos	70
4.4.1. Socialismo, anarquismo e reformismo: divergências ideológicas	76
4.4.2. Sindicalismo	78
4.4.3. Cientificismo e anticlericalismo	79
Considerações finais	87
Apêndices	90
Referências	92

Resumo

Este trabalho analisa os jornais *O Baurú* (publicado entre 1906 e 1924), da cidade de Bauru, e *O Operário* (publicado entre 1909 e 1913), de Sorocaba, com ênfase no período entre 1909 e 1913, para identificar em que medida os dois veículos representavam políticas correntes entre os operários no período (anarquismo, socialismo e anticlericalismo, por exemplo), e faziam parte da experiência comunicacional do início de século XX, na qual segmentos operários e aliados puderam atuar diretamente na produção impressa, visando à organização política de classe.

Introdução

Este trabalho buscou analisar o periódico “O Operário”, publicado na cidade de Sorocaba entre 1909 e 1913, traçando um paralelo com o jornal “O Baurú”, publicado entre 1906 e 1924 em Bauru, buscando identificar e analisar as características jornalísticas dos periódicos e reconhecer em que medida abrigavam doutrinas recorrentes entre o movimento operário do período: como anticlericalismo, cientificismo, anarquismo, socialismo e sindicalismo, por exemplo.

A pesquisa foi idealizada, primeiramente, como um desdobramento de “Jornalismo, Cidade e Sociedade em *O Baurú*”¹, concluída em 2013. Nela, foi identificada uma forte presença da temática operária no jornal bauruense, assim como de doutrinas recorrentes no movimento. Essa descoberta motivou a realização de uma nova pesquisa, também subsidiada pela FAPESP, focada na imprensa operária e optou-se por estabelecer relações com o jornal sorocabano, importante representante da imprensa operária da cidade e de perfil ligeiramente diferenciado de “O Baurú”.

Para leitura de “O Operário” foi utilizada a versão fac-similar do jornal, organizada pelo Prof. Rogério Lopes Pinheiro, publicada em 2007 e obtida na biblioteca da Universidade de Sorocaba (Uniso). Em relação a “O Baurú” todas as edições já haviam sido digitalizadas e fichadas anteriormente. A leitura das edições permitiu a observação e seleção de materiais e temáticas recorrentes nas páginas no jornal, algumas delas particulares aos veículos estudados, outras que dialogavam com as leituras realizadas anteriormente, com as concepções comuns no movimento e imprensa operária do período em questão.

Buscamos aqui reconhecer em que medida esses jornais fizeram parte da experiência comunicacional ocorrida no início do século XX, no qual o desenvolvimento da cultura letrada, aumento e barateamento da possibilidade de difusão da informação promoveram a oportunidade de que segmentos

¹ Ribeiro, Mariana. “Jornalismo, Cidade e Sociedade em *O Baurú*”, Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2013.

específicos da sociedade, no caso o operariado e seus grupos aliados, atuassem diretamente da produção impressa, visando à organização política da classe e difusão de suas propostas para esse e outros segmentos sociais.

É importante ressaltar que nesse período a atividade jornalística apenas iniciava seu processo de profissionalização e não estava estabelecida a figura do repórter, nem o conceito de gêneros jornalísticos e linha editorial, por exemplo. Esses veículos, entretanto, se revelavam fundamentais no sentido de dialogar e representar as mudanças pelas quais passava a sociedade e a própria atividade jornalística no momento.

Na primeira parte desta pesquisa buscou-se contextualizar as transformações pelas quais o país passou na passagem do século XIX para o XX, com o processo de urbanização, imigração e industrialização, o desenvolvimento do movimento operário no Brasil e, mais especificamente, em São Paulo, e as correntes ideológicas que recorrentemente embasavam essa organização. Da mesma maneira, buscou-se traçar um perfil do desenvolvimento urbano e industrial das cidades dos jornais selecionados como objetos de pesquisa: Sorocaba e Bauru, para a melhor compreensão da atividade jornalística ali desenvolvida.

Por último, nessa parte, apresentou-se um breve panorama do desenvolvimento da imprensa naquele período e das características gerais da imprensa operária desenvolvida, que apesar de bastante heterogênea e fragmentada, apresentava algumas características padronizadas, muito relevantes para a compreensão dos periódicos, como, por exemplo, a forte atuação de grupos de ideologias distintas dividindo espaço nos veículos para fortalecimento do movimento.

A segunda parte da pesquisa diz respeito, necessariamente, à análise de “O Operário” e “O Baurú”. Nela, o foco principal do estudo foi o jornal sorocabano e foram traçados paralelos com as características do bauruense, visando uma compreensão mais profunda da imprensa desenvolvida no período.

Esse segundo momento é dividido em quatro grandes tópicos. O primeiro: “Caracterização geral”, traz uma apresentação geral dos dois jornais, com

informações sobre direção, objetivos com que foram criados e relações com as cidades sedes, principalmente para compreensão das diferentes propostas de cada um deles, e para, assim, poder estabelecer relações de similaridades e diferenças com mais propriedade.

O segundo tópico “Aspectos gráficos e editoriais” apresenta as características jornalísticas em si dos dois veículos, observando a utilização de recursos gráficos em cada um, as seções principais, o tratamento dados às notícias, a relação entre factual e ideológico, o tipo de linguagem empregada e o diálogo com outras publicações.

O terceiro item, como o próprio nome diz, busca compreender a seleção das “Principais temáticas” abordadas por cada um dos jornais. No caso de “O Operário” as apresentadas nesta pesquisa são todos os principais assuntos presentes no veículo, que priorizava os temas diretamente relacionados ao movimento operário. No caso de “O Baurú” são apresentados aqui assuntos que se relacionam como o tema da pesquisa, mas por se tratar de um jornal mais abrangente há outras temáticas do jornal que não são aqui analisadas.² As reivindicações, as denúncias de abusos nos ambientes de trabalho, a importância da união entre os operários e de sua instrução, assim como a orientação comportamental fazem parte desta análise.

Para fazer um fechamento dos itens acima estudados buscou-se compreender a ideologia presente em cada um dos jornais por meio das correntes ideológicas mais recorrentes. Nesse momento, trabalha-se com a ideia de que eles não apresentam linha ideológica definida, mas pelo uso constante de colaboradores e a própria diversidade de opiniões que caracterizava o movimento operário do período, esses chegam a apresentar perspectivas incoerentes entre si, se contradizendo em diversos momentos. Nesses veículos se misturam anarquismo, reformismo, socialismo, anticlericalismo, sindicalismo e cientificismo, por exemplo, em alguns momentos em caráter de aliança e, em outros, de ruptura.

² Em “O Baurú” temas como o desenvolvimento urbano e ideal de modernidade, questões políticas municipais e melhorias necessárias à cidade, como instalação de rede de esgoto e sistema de cobrança de impostos, são recorrentes.

Dessa maneira, se buscou analisar, em partes, as dinâmicas desses jornais, os pontos de convergência e divergências entre eles, suas perspectivas jornalísticas e políticas, as representações do universo operário presentes nos conteúdos trazidos por essas publicações e, assim, colaborar para a compreensão do desenvolvimento da imprensa com viés operário produzida no interior paulista, no início do século XX.

1. Construção do movimento operário no Brasil

1.1. Condições estruturais para formação da classe operária

O início do século XX é caracterizado como um momento de profundas mudanças econômicas e sociais não só na capital paulista, como em todo o Estado. O processo, intensificado nas últimas décadas do século XIX, é marcado pelo crescimento acelerado da cidade, pela abolição da escravidão, chegada de imigrantes, êxodo rural, desenvolvimento da atividade cafeeira e o aumento populacional na capital. Compreender, primeiramente, o processo histórico de formação da capital paulista é fundamental para construir a história do movimento operário e imprensa operária, não só na cidade, mas em todo o Estado.

Nesse período, São Paulo passava por um processo acelerado de urbanização e crescimento populacional. Entre os anos de 1873 e 1903, por exemplo, a população passou de 30 mil para 120 mil pessoas (ROLNIK, 1999). A entrada de imigrantes no país foi uma das grandes responsáveis pelo aumento populacional e também a catalisadora das mudanças sociais que marcaram essa época, com a dinamização da sociedade, disseminação de novas ideias e desenvolvimento do movimento operário.

Os imigrantes europeus começaram a chegar ao país nas últimas décadas do século XIX. Maram (1979) afirma que entre 1871 e 1920 entraram 3.390.000 estrangeiros no país. Desses, 1.373.000 eram italianos, 901.111 portugueses e 500.000 espanhóis. Esses se estabeleceram, majoritariamente, na região sudeste e tiveram papel fundamental na criação da consciência de classe e politização do operariado nacional, já que muitos deles já estavam envolvidos em lutas políticas em seus países de origem.

A presença de italianos foi muito forte em São Paulo, enquanto a de portugueses, no Rio de Janeiro. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX o imigrante se tornou a principal força de trabalho do país. Em São Paulo, por exemplo, estima-se que 71,2% do trabalho era ocupado por força de trabalho estrangeira (FAUSTO, 1976).

Tanto o êxodo rural, quanto a abolição da escravatura e a vinda de imigrantes aumentaram consideravelmente a oferta de mão de obra no país. Fausto (1976) destaca a existência nos centros urbanos, nesse período, do que ele chama de “mão de obra sobrando”. A presença de força de trabalho excedente e sem qualificação agravou o quadro de fragilidade do operariado brasileiro, que sofria com a redução significativa dos salários, e com a possibilidade de fácil substituição.

Nas primeiras duas décadas do século XX houve o crescimento considerável da atividade industrial no país: de maneira rápida e desorganizada. Essa é uma das questões primordiais para a compreensão da formação do movimento operário, e que será aprofundada no item seguinte. A situação lastimável das condições de trabalho e vida dos operários, os baixos salários, o medo constante do desemprego e o controle social são alguns dos motivos que promoveram as tensões e os conflitos entre operários e patrões, que cresceram proporcionalmente ao desenvolvimento da atividade industrial no país e levaram os trabalhadores a se organizar.

1.2. Movimento operário em São Paulo

Nos primórdios, o movimento operário no Brasil se desenvolveu ao redor do eixo da atividade cafeeira, no final do século XIX. As características inerentes ao espaço urbano, entretanto, favorecem a manifestação da luta de classes. Da mesma maneira, as condições nas quais se encontrava a cidade de São Paulo na passagem do século XIX para o XX (com excedente de mão de obra, más condições de trabalho, baixos salários, segregação urbana e com possibilidade de contato entre grupos sociais e étnicos distintos) estimularam a organização do movimento operário por melhores condições de vida e trabalho.

A história do movimento operário no país é dividida em algumas fases. O período que antecede ao abordado por essa pesquisa é chamado pelos estudos sobre o trabalhador no Brasil de “mutualista” (dos primórdios até 1888), por se caracterizar basicamente pela utilização de mecanismos como associações de auxílio mútuo, promovendo programas assistenciais, como

serviços médicos, funerais, desemprego e invalidez, por exemplo. Apesar de essas iniciativas terem funcionado como a primeira tentativa de organização entre os operários, esse modelo promoveu melhorias imediatas, sem consequências significativas a longo prazo (FERREIRA, 1978).

Conforme a atividade industrial se desenvolveu e as relações entre operários e patrões se tornaram mais intensas, o movimento operário precisou, então, se desenvolver no país, focado, também, na busca por melhorias e não apenas na assistência mútua. O período chamado “de resistência” (1888 a 1919), apontado por Ferreira (1978) como o segundo período da organização operária no país, é o que mais interessa a esta pesquisa. Esse é marcado pelo crescimento industrial, pela conseqüente situação de penúria dos empregados e forte agitação social. O nome se dá, necessariamente, por serem décadas caracterizadas pela organização dos trabalhadores em busca da resistência à classe dominante e, conseqüentemente, resistência ao capitalismo. O processo de politização do proletariado caracterizou essa fase, que passou a tomar mais consciência de seu próprio poder de ação e mobilização.

Dentre os setores trabalhistas no Brasil, o primeiro a se destacar pela organização operária foi o de serviços, principalmente os portuários e ferroviários. O primeiro grupo a, oficialmente, se organizar no estado de São Paulo foi o dos funcionários do porto de Santos. Sua importância fundamental para manter o sistema econômico nacional, a partir do escoamento da produção, e o fato de se tratar de mão de obra especializada, o que dificulta a substituição, lhes dava importante poder de barganha (FAUSTO, 1976).

Outro ramo que esteve na vanguarda do movimento operário nacional foi o da construção civil, que no período apresentava maior padrão cultural, maiores salários e melhores condições de vida. Exemplo disso é que já em 1907 a classe conquistou o direito à jornada de oito horas de trabalho.

Diferente era a situação da grande indústria nacional. A indústria brasileira, nas primeiras décadas do século XX, é marcada pelo modelo de acumulação do capitalismo industrial, caracterizado pela concentração de renda nas mãos da burguesia industrial, pelos baixos salários, ausência de direitos trabalhistas aos

operários e condições insalubres de trabalho. Fausto (1976) analisa a estrutura industrial do país nesse período e destaca as diferenças entre a pequena, média e grande indústria.

As pequenas empresas, existentes em maior número, empregavam poucos operários por unidade e, principalmente, o trabalhador especializado. Nesses casos, os salários eram maiores e as condições de trabalho menos exploratórios, havia, ainda, uma pequena perspectiva de ascensão social e por consequência, o ambiente de trabalho apresentava menor tensão entre operário e patrão.

A grande indústria, por outro lado, empregava a maior parte dos trabalhadores. Segundo o censo de 1920, 57,3% das indústrias de São Paulo tinham até 4 operários, mas 36,4% deles se encontram trabalhando em fábrica com mais de 500 operários. Esse dado representa a forte concentração de trabalhadores na grande indústria. Na grande empresa, “sobre o trabalhador recai não só a forma absoluta de extração do excedente como ainda a contínua insegurança” (FAUSTO, 1976, p. 105). Nela, se observa a exploração intensiva e extensiva do trabalho, em uma inspiração “behaviorista”, na qual operários são tratados como extensão da máquina, bens do patrão.

Para Fausto (1976), a indústria têxtil é, por excelência, o único ramo realmente fabril nesse período³. Ela apresenta maior grau de mecanização e concentração de operário por unidade. Para o autor, falar em “proletariado de fábrica” é como falar em trabalhador das indústrias têxteis.

As primeiras indústrias têxteis do país foram criadas por volta de 1870, e seu desenvolvimento apresenta relação direta com a construção do movimento operário, já que era inspirada pelo modelo das grandes fábricas, promoveu a substituição de trabalhadores por máquinas e promovia intensa exploração do trabalhador. Segundo o censo de 1907, as duas únicas indústrias existentes

³ A cidade de Sorocaba, no início do século XX, já apresentava um crescimento ligado ao desenvolvimento das indústrias têxteis e seu proletariado fabril, abundante, enfrentava a situação de penúria, marca desse modelo industrial. Esse é um dos motivos que explica o precoce desenvolvimento do movimento operário no município, temática que será melhor explorada no item “Formação do movimento operário em Sorocaba e Bauru”.

com mais de 1000 operários, em São Paulo, eram têxteis, em 1920, eram sete têxteis, uma do setor alimentício e outra de cerâmica.

Para Fausto (1976), duas características são marcantes no movimento operário no setor têxtil: explosividade e fraqueza de organização. O autor explica esse fato, principalmente, pela existência de mão de obra abundante e pelo trabalho industrial ser pouco especializado, o que comprometia o êxito das pressões operárias.

Analisando a conjuntura do movimento operário brasileiro, Maram (1979) observa que:

A incapacidade do operariado em organizar tão grande e tão importante indústria manufatureira deixou-o marginalizado e sem força significativa na sociedade brasileira. Há uma correlação quase direta entre o sucesso do movimento têxtil e a força do movimento operário como um todo. A incapacidade em organizar a indústria têxtil foi espelhado na debilidade do operariado como um todo antes de 1917. Mas foram as vitórias têxteis que lubrificaram o período mais dinâmico do movimento depois das greves de julho de 1917 (p. 56)

O autor aponta, ainda, outras dificuldades na organização do movimento: as questões étnicas e raciais entre portugueses e espanhóis, e entre imigrantes e nativos, por exemplo, a repressão, os riscos de deportação, de desemprego e a falta de sentimento de pertencimento de alguns imigrantes em relação ao Brasil.

Estudos sobre a dinâmica do movimento operário apontam que os intelectuais e os imigrantes foram os grandes responsáveis por liderar a organização trabalhista no Brasil. Ferreira (1979) aponta o papel importante dos primeiros na criação de uma base para disseminação das ideias do movimento operário, principalmente por meio da criação dos primeiros jornais de cunho político, mas também com a fundação de clubes, circulação de livros e revistas científicas, promoção de debates sobre problemas sociais e políticos e divulgação de informações internacionais, por exemplo. Ela coloca que esse tipo de ação “resultou no preparo do terreno para a politização das classes trabalhadoras”

(1978, p. 48). Nomes como os de Lima Barreto, Raul Pompeia, Edgard Leuenroth se destacam no processo de politização da classe operária.

Para a autora, entretanto, o principal agente nesse processo, foi o imigrante operário. Esses foram responsáveis por inserir no país ensinamentos que iriam indicar o caminho da luta política e da tomada de consciência pela classe trabalhadora. Segundo ela, “da última década do século XIX às duas primeiras do século atual [XX], a atividade desenvolvida por essa liderança [trabalhadores estrangeiros] não encontra paralelo na história do movimento operário brasileiro” (FERREIRA, 1978, p. 56).

Ela enfatiza, ainda, que uma categoria específica de imigrantes operários foi fundamental na construção do movimento operário brasileiro: a dos refugiados ou deportados políticos. Ferreira observa que, devido ao estado de penúria pelo qual eram submetidos em seus países de origem, os pensamentos radicais ganharam força entre eles e muitos desses chegaram ao Brasil politizados e como mão de obra qualificada, o que aumentava sua credibilidade.

Esses, portanto, já apresentavam familiaridade com o movimento operário, principalmente, com o anarquismo, que havia se alastrado pela Europa no final do século XIX e foi a principal corrente ideológica que guiou os operários brasileiros até a década de 20, e foram os grandes responsáveis pela realização da propaganda libertária no país.

1.3. Correntes ideológicas no Brasil

Com a vinda dos imigrantes e a difusão das ideias com eles trazidas de seus países de origem, uma série de correntes ideológicas ganhou espaço no Brasil. Essas nem sempre eram bem delimitadas e na maioria dos casos funcionavam como um conjunto de forças, ora uma mais forte, ora outra. Nesse contexto, termos como anarquismo, socialismo, sindicalismo, livre pensamento, cientificismo e anticlericalismo, por exemplo, se mesclavam no linguajar

operário e guiavam suas ações, em alguns momentos em caráter de aliança e em outros de ruptura.

Dentre esses pensamentos, o anarquismo teve forte impacto no movimento operário no início do século XX, mas como aponta Toledo (2004), “a base política do anarquismo em São Paulo era a cooperação voluntária entre pequenos grupos distintos” (p.38), o que fortalece a ideia de multiplicidade de perspectivas dentro do movimento.

Fausto (1976) defende que o contexto de chegada do imigrante na América Latina favorecia a adesão ao anarquismo, visto que o estrangeiro se sentia alheio à vida política desses países e não tinha intenção, nem possibilidade prática, de adentrar a política oligárquica tradicional. Essa situação acentuava a perspectiva dos trabalhadores de ver o Estado como um “sujo e monótono jogo destinado a perpetuar o autoritarismo dos exploradores” (p. 69).

Em linhas gerais o anarquismo “pode ser tratado como um sistema de pensamento social visando modificações fundamentais na estrutura da sociedade com o objetivo de substituir a autoridade do Estado por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres” (FAUSTO, 1976, p. 63).

O anarquismo se revela um movimento bastante fragmentado, devido às diversas vertentes existentes (mutualismo proudhoniano, anarco-coletivismo, anarco-comunismo, anarco-sindicalismo...), os pontos fundamentais comuns, entretanto, estão nos níveis da negação do Estado e das instituições, e consequenterecusa da luta por meio da política.

Os anarquistas acreditavam que uma vez eliminados o capitalismo e o Estado, a sociedade poderia se constituir em uma rede de relações voluntárias entre livres e iguais, e o mundo se constituiria em uma “federação de federações”, sem caráter hierárquico. Toledo (2004) defende que “mais do que um movimento, o anarquismo foi também uma visão de mundo, de crítica à expansão do capitalismo e da presença do Estado” (p.12).

Outra visão compartilhada entre os diversos anarquistas é a defesa das liberdades individuais, negando a centralização e a hierarquização de poder em qualquer situação. Como aponta Fausto (1976), com o objetivo de criar uma nova sociedade, os anarquistas desejam criar uma subcultura, que vá contra os núcleos básicos de reprodução do sistema, do comportamento autoritário e da sociedade burguesa, como a Igreja e a família tradicional, por exemplo. Os libertários partem do pressuposto de que é impossível criar uma sociedade livre com gente dominada. Defendem que com eliminação do Estado e da propriedade privada, o homem estará livre de carência, de dominação e livre para desenvolver suas potencialidades ao máximo (MARAM, 1979)⁴.

O Código Moral Libertário também é uma característica marcante do movimento. A ideologia promove o comportamento ascético de seus membros, com conduta regular e sanção contra álcool e excitantes, por exemplo. Para eles, o divertimento deve ser “moralmente sadio”, são contrários a partidas de futebol, bailes e danças e acreditam que impulsos sexuais devem ser controlados, por serem marcas das impurezas. “Em regra, o dirigente libertário era um homem sóbrio, na vida material e na vida afetiva, obediente aos preceitos da família monogâmica não obstante o discurso em favor do amor livre” (Fausto, 1976, p. 89). O autor coloca, ainda, que o Código revelava “moralismo religioso” e crença em um “universo maniqueísta”.

O anarquismo revela acentuada preocupação com a educação do proletariado. As ligas e uniões, por exemplo, funcionam como centros irradiadores da atividade política e social, com objetivo de elevar a classe trabalhadora. Da mesma maneira são mantidos centros de estudos sociais, promovidos debates e estudos de obras anarquistas. Revela, ainda, profunda preocupação com a racionalidade e o pensamento científico, nesse sentido entra em conflito com a religião, sendo o anticlericalismo muito forte entre os que seguem essa ideologia.

⁴ Maram (1979) coloca que raramente anarquistas entram em detalhes sobre a forma e o projeto funcional da nova sociedade, argumentam que estariam impondo uma estrutura arbitrária se traçassem estrutura rígidas, e que a sociedade deve evoluir livre e espontaneamente.

Ainda na questão da instrução e da razão, a Escola Moderna, proposta pelo espanhol Francisco Ferrer, é um modelo educacional amplamente defendido e difundido dentre os anarquistas. O ideário pedagógico da Escola propõe um ensino completamente desvinculado dos preceitos católicos e da sociedade burguesa, primando pelo racionalismo e cientificismo⁵.

A visão tradicional nos estudos sobre anarquismo defende que a doutrina foi mais forte nos países de menor desenvolvimento industrial, por isso sua força na Itália, Espanha, França e Portugal, por exemplo. Na América Latina (principalmente no Brasil, na Argentina, Cuba e no México) a doutrina anarquista foi a predominante no movimento operário até a Revolução Russa (1917).

Entre as diversas vertentes existentes, estudiosos como Maram (1979), por exemplo, defendem que o anarcossindicalismo foi o mais forte no país. Ele parte do pressuposto de que o primeiro interesse do homem é o pão, e não a teoria revolucionária, portanto, o sindicato se revela o meio mais eficaz para a propagação dos ideais revolucionários e para alcançar seus objetivos primários, de melhoria de salários e condições de trabalho, por exemplo. O alto grau de pragmatismo na organização dos sindicatos, o torna, portanto, mais atraente e eficaz para os trabalhadores em primeira instância.

Nesse pensamento, os sindicatos são considerados o modelo do futuro: autônomo, dirigido e organizado pela vontade de seus membros, livre de hierarquias e de poder formal dos líderes (que seriam eleitos por tempo limitado) sobre seus membros.

Como foi visto, o anarquismo brasileiro estava fortemente atrelado a outros pensamentos, como o cientificismo, o livre pensamento e o anticlericalismo. Essa relação se explica, principalmente, pelo anseio em contradizer a condição política e social encontrada no país no início do século XX: tradicional,

⁵ Francisco Ferrer foi um líder da luta dos movimentos espanhóis pela diminuição da influência religiosa no país e implantação dos governos democráticos. Integrou a chamada “geração de 98”. Embora não se tenha declarado anarquista, suas ideias estavam atreladas ao ideário. Com seu assassinato pelo governo espanhol, em 1909, se tornou um nome emblemático para o movimento operário no mundo todo.

oligárquica e excludente. O movimento se mostrava engajado no combate à velha ordem patrimonialista, baseado no progresso e na verdade científica.

Fausto (1976) observa que os membros desse grupo constituíram a vanguarda operária e figuras de respeito para a grande massa tinham sido responsáveis pelos esforços em construir um sindicalismo revolucionário e haviam se integrado nas maiores mobilizações do período. Maram (1979) acrescenta que:

com raras exceções, os anarquistas militantes eram em grande maioria trabalhadores e que se haviam comprometido a dedicar suas vidas à causa da classe operária. Eram homens com um ideal e uma missão, com quem se podia contar mesmo nas menores causas, nas circunstâncias mais difíceis, não importante os riscos pessoais que tivessem que enfrentar (pag. 85).

Entre as lideranças, nomes como o de Luigi (Gigi) Damiani, Edgard Leuenroth, Primitivo Raimundo Soares, Neno Vasco e José Oiticica são citados como importantes líderes do movimento operário.

É importante observar que no início do século o socialismo teve certa força entre as lideranças operárias, mas a inviabilidade de os partidos operários adentrarem a organização política fazia com que perdesse espaço entre os operários. Toledo (2004) coloca, entretanto, que “os grupos socialistas na Primeira República foram mais atuantes e importantes do que a historiografia supôs” (p. 30), e que sua atuação se deu, principalmente, em participação conjunta aos anarquistas e sindicalistas. Aponta, ainda, que muitos militantes transitavam entre um e outro pensamento.

O ano de 1906 é um marco para o anarquismo brasileiro. Nesse ano foi realizado o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro. Nele houve o embate claro entre o anarquismo e socialismo e o primeiro obteve posição de destaque, ganhando o papel de guia das atividades operárias nos anos seguintes. No mesmo ano houve o primeiro Congresso de São Paulo, para organizar atividades no interior paulista, também com forte influência do anarquismo.

Fausto (1976) considera o período entre 1880 e 1920 de intensa organização associativa e mobilização popular. Entre 1905 e 1908 pode ser observado um movimento ascensional, com grande número de mobilizações e êxitos como a Greve de Santos e da Paulista, por exemplo. Entre 1909 e 1912 (período que abrange esta pesquisa) uma relativa depressão, com retomada em 1913. Maram (1979) considera o período entre 1917 e 1920 como a época de ouro do movimento operário e o período mais ativo da história sindical no país.

Após a década de 20, se observa a perda de influência do anarquismo no Brasil e um crescimento do Partido Comunista. Após a década de 30, com a ascensão de Getúlio Vargas e a inclusão dos direitos trabalhistas, os movimentos operários revolucionários perdem relativo espaço para os movimentos reformistas ou atrelados ao sistema.

Em linhas gerais, o movimento brasileiro sofria grandes dificuldades, como deportações, divisões étnicas do proletariado, forte campanha contrária a sua atuação e constantes riscos de demissão massiva. Como aponta Maram (1979) “somente em países como o Brasil, onde a liderança e as fileiras do movimento foram predominantemente estrangeiras, é que se verificam efeitos tão nocivos” (p. 68).

Dificuldades à parte, essas movimentações tiveram papel fundamental para construção do movimento operário brasileiro e garantia de posteriores direitos adquiridos pelos trabalhadores. Como defende Ferreira (1978) a organização da classe trabalhadora em sindicatos e o nível de politização foram as principais contribuições deixadas pelo anarquismo para a posteridade movimento operário brasileiro.

2. Formação do movimento operário em Sorocaba e Bauru

Neste item pretende-se realizar uma discussão sobre a relação entre a evolução histórica das cidades de Sorocaba e Bauru e a formação do movimento operário nessas localidades, buscando instrumentos para contextualizar a análise específica proposta na segunda parte desta pesquisa.

A história de Sorocaba é frequentemente atrelada ao movimento tropeiro, mas a cidade já estava presente no cenário brasileiro muito anteriormente. Acredita-se que o português Afonso Sardinha tenha chegado à região por volta de 1589 encontrando o primeiro minério de ferro do país no morro de Araçoiabinha.

Foi forte a presença dos bandeirantes no local, acesso para o interior em busca de índios e riquezas. Mesmo sem certeza da exatidão dessa data, adotou-se 15 de agosto (dia da Padroeira Nossa Senhora da Ponte) de 1654 como a de fundação da cidade, ocasião em que o bandeirante Baltazar Fernandes instalou residência em Sorocaba.

Durante o Ciclo do Ouro, se tornou um importante centro econômico, especializado na feira de muares, rebanho utilizado para transpor a Serra do Mar e as Minas Gerais. A cidade funcionava como ponto de passagem para o transporte do sul do país até a região das minas.

Esse processo atraiu um importante contingente populacional para região e foi significativo também para o desenvolvimento das comunicações e para a interiorização do país. As consequências são diversas e decisivas, pois como aponta Ferreira (1978) o sistema de transporte de muares foi o negócio mais rentável e duradouro para São Paulo. A atividade foi responsável por criar condições para diversificação da economia sorocabana, com o desenvolvimento comercial e de manufaturas, por exemplo, e, posteriormente, da indústria têxtil.

A Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1860-1865), e a consequente queda na exportação de algodão por parte do país, favoreceu a ampliação do cultivo herbáceo no Brasil, como fornecedor de matéria prima para a Inglaterra,

e já nesse período a cidade se destacou, desenvolvendo, também, o processo de mecanização no descaroçamento.

Com o aumento da produção algodoeira, sentiu-se a necessidade de melhorar a rede de transportes. Nesse ponto se destaca o nome do imigrante húngaro Luis Mateus Maylask, que incentivou a construção da via férrea Estrada de Ferro Sorocabana, inaugurada em 1875, que depois passou a se chamar Sorocaba Railway (1907 a 1919) e ligava a cidade à capital, permitindo o escoamento da produção.

Até meados do século XIX, o comércio de algodão cru ainda se revelava mais lucrativo, mas a partir da queda das exportações do produto primário se desenvolveram as primeiras unidades de industrialização da fibra. A instalação das fábricas de tecido Nossa Senhora da Ponte, Santa Rosália e Votorantim deu início ao parque industrial de Sorocaba, que posteriormente rendeu à cidade o apelido de “Manchester Paulista”, devido a sua dimensão industrial. Em 1904, foi iniciada a construção de uma hidrelétrica no Sítio Salto Grande de Itupararanga, no distrito de Votorantim.

Quando as feiras já não tinham importância econômica, no final do século XIX, Sorocaba já apresentava uma economia diversificada e não sofreu com tanta intensidade a queda das atividades.

Para Ferreira (2009) duas características diferenciam o desenvolvimento industrial sorocabano: “a industrialização antecipou-se ao processo do país e não teve como fator gerador o capital acumulado com o plantio e exportação do café. Na cidade, o capital foi gerado no comércio tropeiro, plantio e exportação de algodão e participação de imigrantes” (p. 67).

Esse processo aumentou a oferta de empregos e permitiu a formação de uma classe operária de relevância em Sorocaba. Os ferroviários criaram organizações de apoio mútuo e beneficentes e estavam em frequente atrito com o governo, relevando já incipiente organização de classe.

Uma característica fundamental para se compreender a formação da classe e do movimento operário em Sorocaba é a diversidade étnica presente no espaço

urbano. Como aponta Ferreira (2009), o processo de desenvolvimento de Sorocaba colaborou para o relacionamento de grupos sociais e étnicos distintos. As atividades econômicas desenvolvidas na cidade facilitaram esse contato: o comércio de mueres atraiu a presença de alemães, argentinos e uruguaios, além dos sulistas, posteriormente, no final do século XIX, a construção da estrada de ferro e início da indústria têxtil atraiu a presença de imigrantes alemães, suíços, portugueses, italianos, espanhóis e ingleses.

Esses imigrantes, principalmente italianos e espanhóis, participaram ativamente do processo de desenvolvimento da cidade. Os italianos chegaram a Sorocaba a partir de 1870 e trabalharam no setor de serviços, nas ferrovias e, principalmente, na indústria têxtil. Esses estabeleceram residência, principalmente no chamado “Além Linha”, formando bairros como Vila Santana e Vila Carvalho. Os espanhóis chegaram a partir de 1895, atraídos principalmente pelo setor ferroviário. Esses se fixaram no “Além Ponte”, formando bairros como Vila Hortência, Barcelona e Vila Haro, o chamado “reduto da espanholada”.

Os arredores das fábricas Votorantim e Santa Rosália também receberam grande contingente de imigrantes, formando as chamadas vilas operárias. Essas indústrias adotavam o modelo paternalista, de controle de todos os âmbitos da vida de seus operários.

Estima-se que no início da década de 20, a cidade já contasse com mais de 10 mil operários, sendo que quase 8 mil eram empregados pelo ramo têxtil (Silva, 2000). Esse contexto de industrialização precoce, além do contato entre populações de origens diversas, favoreceu o desenvolvimento do movimento operário sorocabano, que já se encontrava em processo de organização no início do século XX. As condições precárias de trabalho, os baixos salários e o forte controle social caracterizam a grande indústria têxtil sorocabana nesse período. Além disso, a presença de imigrantes já familiarizados com o ambiente de manifestações operárias intensificou o processo reivindicatório.

Entre os mecanismos de resistência criados entre os trabalhadores, como ligas operárias e sociedades de apoio mútuo, por exemplo, a imprensa se destacava

no papel de representação dos anseios e reivindicações da classe. Segundo Ferreira (2009), o primeiro jornal criado na cidade para defesa dos trabalhadores foi “A Conquista do Bem”, órgão de viés socialista, de 27/01/1897 (única edição em arquivo e, talvez, único exemplar publicado). “O Operário”, entretanto, é colocado pela autora como “o mais duradouro, constante e expressivo” jornal criado com esse objetivo na cidade no período em questão (p.106).

O processo de desenvolvimento histórico de Bauru, por outro lado, é bastante distinto do sorocabano. A história da fundação e crescimento da cidade é consideravelmente recente, e está ligada à expansão da economia cafeeira para o oeste paulista na segunda metade do século XIX. Segundo Bastos (2000), em 1850, Bauru era considerado um quarteirão de Itapetininga, com poucos moradores. Em 1890 a Vila foi elevada ao nível de distrito de São Luis da Fortaleza e em 1896 se tornou um Município.

Por alguns anos, os limites de Bauru iam até o Mato Grosso, pois não existiam outros municípios até a fronteira. Até o início do século XX o oeste paulista era denominado o “sertão desconhecido”, área praticamente desocupada, ponto de ligação entre a capital e o interior. A ocupação da região se deu por meio dos pioneiros e foi marcada pela apropriação de terras, em sua maioria ilícitas, e violentos embates com os índios Cainguangues, praticamente dizimados nessas lutas. Os primeiros desbravadores dessa região, no entanto, se tornaram heróis no imaginário do oeste paulista. Losnak (2004), em um estudo das representações da elite dominante bauruense afirma que “não há na memória oficial o mínimo reconhecimento de que a cidade foi erigida e consolidada à custa de muito sangue” (p. 57).

Com a expansão da economia cafeeira e do capitalismo paulista surge a necessidade de uma interligação entre a capital e o interior desconhecido. Em 1905, chegam a Bauru os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana e se inicia a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Em 1910 chega a Companhia Paulista de Estrada de Ferro.

A Ferrovia Noroeste partia de Bauru e rumava em direção ao Mato Grosso até a divisa com a Bolívia, interligando os dois estados e o porto de Santos. Losnak (2004) aponta que a ferrovia era representada como a ação civilizatória da modernidade e uma maneira de inserção da cidade na modernidade.

Bauru se desenvolveu como o ponto de comunicação entre a capital e o extremo oeste, interligando áreas distantes. Com o passar do tempo a cidade se tornou polo regional e se consolidou como o maior e principal município da região. Dessa maneira, o seu desenvolvimento foi marcado pelo desejo de crescimento acelerado, de se tornar uma cidade grande e moderna, pelo ideal de “gigantismo”.

As Ferrovias foram responsáveis por aumentar o fluxo de pessoas e do mercado consumidor em Bauru. Ocorreu nesse período a intensificação e diversificação do comércio local e a delimitação do perfil econômico da cidade, focado no setor terciário. Dessa maneira, é marcante o crescimento do setor de serviços e da própria cidade no período e seu desenvolvimento urbano, com a instalação das redes de esgotos, luz elétrica, telefonia, escolas, bancos, hospitais, clubes, hotéis e lojas.

Os trens também atraíram para a região um grande contingente de trabalhadores, comerciantes e empresários que se instalaram na cidade em busca de trabalho e riqueza. O crescimento de Bauru e de diversas outras cidades da região se deve à chegada das ferrovias, que tiveram papel fundamental na economia da cidade até a década de 70.

Dentre essa população, foram atraídos à região trabalhadores, que posteriormente seriam agentes de organização do movimento operário. Chegaram à cidade imigrantes de origem espanhola, portuguesa, italiana e japonesa, que se instalaram não só na cidade de Bauru, mas nos arredores das linhas dos trens.

As informações sobre as condições de vida desses trabalhadores e sobre a própria organização de classe são escassas, mas em “O Baurú”, por exemplo, era frequentemente noticiada a falta de assistência dada a esses funcionários,

os maus-tratos e abusos promovidos pela negligência dos contratantes, como será melhor abordado no item “‘O Operário’ e ‘O Baurú’”.

Nesse contexto de urbanização e formação do movimento operário surge a imprensa na cidade. Seu desenvolvimento urbano cria a necessidade de uma comunicação sustentada pela materialidade e não apenas pela oralidade. A complexização da sociedade exigia a mediação comunicacional, de expressão da cultura letrada e de debate da esfera pública para a sociedade local. Além disso, a chegada das Ferrovias permitiu o desenvolvimento tecnológico necessário ao desenvolvimento da imprensa, como o surgimento de uma linha de correios na região, por exemplo.

O primeiro jornal na cidade surgiu em 1905 e era chamado “O Progresso de Bauru”, durou apenas um ano e não há exemplares remanescentes em arquivo. Apesar de efêmero, a publicação foi importante, pois representava os novos anseios da sociedade bauruense. A cidade crescia e aumentava a necessidade de comunicação interna entre os moradores e com a capital. As discussões políticas e culturais haviam mudado e era fundamental a existência de um espaço destinado a expressão dessas novas perspectivas.

A imprensa se torna fundamental, pois era o local de debate e expressão das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais pelas quais passava Bauru e o oeste paulista. No entanto, era também espaço de legitimação do pensamento da elite dominante. Losnak (2004) atenta para a utilização das publicações na formação do ideário da população. Defende que as representações oficiais criam um suporte ao imaginário popular que permitiu a legitimação do projeto de desenvolvimento e a unanimidade sobre a necessidade de transformação da cidade em polo regional.

É nesse limiar entre pensamento dominante e popular que “O Baurú”, objeto de estudo desta pesquisa, é criado. O veículo foi o segundo periódico a surgir na cidade, em 1906, quando essa comemorava seus 10 anos de independência político-administrativa. Outros semanários surgidos durante sua existência foram: *A Cidade de Bauru*, *O Tempo*, *A Gazeta de Bauru*, *O*

Comércio de Bauru e O Correio de Bauru. (PELEGRINA E SERRA, 1987), que tiveram vida efêmera e há poucos exemplares em arquivo histórico.

Dadas as diferenças, principalmente no nível de desenvolvimento em que se encontravam no período em questão, em ambas as cidades, é possível observar um forte atrelamento entre seus modelos de desenvolvimento e a construção do movimento e imprensa operária, assim como entre a evolução da cidade e a necessidade da criação de publicações que representassem a população. Nesse momento, Sorocaba já contava com uma imprensa mais consolidada e “O Operário”, inclusive, surge como o segundo jornal destinado exclusivamente à causa operária. Em Bauru, ela ainda estava nascendo e não havia um jornal específico que representasse o segmento operário, mas, como mostraremos nesta pesquisa, “O Baurú” teve mérito no sentido de dar voz a essas manifestações.

3. Imprensa e Imprensa Operária em São Paulo

Para a tentativa de compreender a dinâmica da produção de conteúdo do proletariado, é preciso algumas considerações sobre o desenvolvimento da imprensa operária assim como sobre o da imprensa tradicional.

Como aponta Ferreira (1978), alguns fatores dificultam o estudo de publicações do movimento operário. Apesar do alto número de jornais criados, esses se revelavam muito fragmentados. Muitos desses veículos apresentavam baixa periodicidade, alguns não passavam da primeira edição, poucos deles foram documentados e muitos se perderam no tempo. Apesar dos empecilhos, é possível identificar traços comuns entre essa produção, muito significativos para seu entendimento e que serão explorados neste item.

É importante ressaltar novamente que a passagem do século XIX para o XX é marcada por mudanças estruturais importantes na cidade de São Paulo e também como um momento de fortalecimento e solidificação da imprensa brasileira, já que essa também estava articulada a essas transformações. Sodré (1999) aponta que nesse período houve a consolidação da imprensa no Brasil e a proliferação do número de publicações, não só nas capitais como também no interior do país, essas, em sua maioria, de caráter artesanal, com estrutura simples e ligada às lutas sociais.

As mudanças na capital paulista transformaram não só a estrutura física da cidade, mas a mentalidade da população, e a partir daí aumentou a necessidade de transmissão da informação. Em 1840, existiam 22 jornais na cidade, em 1850, 47. Só em 1860 surgiram 12 novas publicações, para uma população de 20 mil pessoas, e entre 1881 e 1890, surgiram 273 novos jornais (SCHARCOWZ, 2001). A maioria desses, no entanto, ainda estavam restritos a uma pequena parcela da população. A autora coloca que apesar de incipiente “a imprensa no Brasil, naquela época, era o único veículo eficiente de comunicação de massa” (p. 57). Para ela, esse importante papel justifica o grande número de publicações existentes.

Nesse contexto de mudanças políticas, econômicas e sociais é possível observar que as classes dominantes se utilizavam da imprensa no intuito de reforçar sua hegemonia. Capelato e Prado (1980) realizam uma análise dos editoriais de O Estado de São Paulo impressos nos anos 1920, 1930 e 1940, revelando o caráter liberal e elitista do veículo, no qual segmentos específicos da sociedade expunham e legitimavam seu pensamento, participando ativamente das transformações políticas ocorridas no momento. Nessa perspectiva o jornalista funcionava como um “portador da verdade”, com a obrigação de criticar, formular e orientar a sociedade.

Capelato (1991), seguindo estudos sobre a grande imprensa paulistana, ressalta o discurso dúbio presente nessas publicações, que se diziam representantes dos anseios populares, mas se comprometiam, realmente, com às classes dominantes. O que se constata é que esses jornais, em última análise, se preocupavam em exercer o controle sobre a participação das camadas populares nas esferas públicas, tecendo críticas ao movimento operário e as movimentações comunistas, por exemplo. A autora define que a imprensa “procurava se legitimar como expressão da “vox populi”, mas representava acima de tudo a “Vox domini” (CAPELATO, 1991, p. 64).

A despeito do crescimento da grande imprensa e da profissionalização da atividade, segmentos sociais marginalizados encontravam nos jornais uma forma de se expressar. Nesse ponto, é importante ressaltar que a História da Imprensa, em geral, foi construída em cima da análise dos grandes veículos, mas, como aponta Cruz (2001) o início do século XX foi um momento de grandes experimentações jornalísticas, no qual houve uma efervescência na atividade em São Paulo e setores diversos da sociedade tiveram a oportunidade de representar a si mesmos por meio de veículos impressos.

A autora aponta que, como consequência de uma série de fatores que proporcionaram a urbanização e crescimento populacional da capital paulista, houve a expansão da cultura letrada entre diversos segmentos sociais. A partir disso, identificamos também a efervescência dos veículos locais, dando espaço à chamada “pequena imprensa”:

Ampliando o espectro social da cultura letrada, a pequena imprensa passa também a dar voz a personagens e espaços que até então eram raros ou mesmo exteriores aos círculos das elites e da cultura letrada na cidade. Através da e na imprensa de imigrantes, nas pequenas folhas e jornais de bairro, e principalmente, na rica imprensa operária do período, categorias de publicações que frequentemente se mesclavam a hegemonia das elites letradas foi surpreendida e desafiada por interesses, projetos e concepções de novos sujeitos sociais. (p. 117)

Como revela Costa (2005), nesse período o jornalismo estava fortemente atrelado à atividade literária e não apresentava características bem definidas, muitos dos profissionais que trabalhavam na área eram literatos que encontravam na prática jornalística uma possibilidade de trabalho e renda regular. Esse processo, ainda experimental, de criação jornalística revela um momento rico em informações sobre a história do fazer jornalístico, e sobre a imprensa como um agente social democratizante. Nele, os “desafios e perspectivas de luta das classes populares tornam-se visíveis” (CRUZ, 2001, p. 117) e há relativa ruptura com a hegemonia das elites dominantes sobre os veículos de comunicação, mesmo que com abrangência e espaço de tempo limitados.

Como vimos, com as significativas transformações que se processaram na sociedade brasileira desde a década de 1870 e a expressiva chegada de imigrantes no início do século XX, São Paulo se tornou o cenário da luta entre diversos atores sociais e o papel da imprensa operária na politização e organização da classe é fundamental. Ferreira (1978) explica que “os métodos empregados pelos militantes operários para a divulgação de suas ideias eram incompatíveis com os interesses dos industriais brasileiros e, por motivos óbvios, a ‘grande imprensa’ tomava partido dos patrões” (p. 74). Uma vez que os trabalhadores não contavam com o apoio de grandes periódicos, portanto, a imprensa operária representou um meio de divulgação e articulação da luta de classe. Para a autora, “a imprensa operária parece ser a mais importante documentação primária para a história das classes trabalhadoras no Brasil” (p.87).

O jornal mais antigo a ser considerado pertencente à imprensa operária é de 1847, O Proletário, publicado por um grupo de intelectuais do Recife. O segundo é do Rio de Janeiro, o Jornal dos Tipógrafos, de 1858. Entretanto, ambos tiveram pouca relevância. Do último quartel do século XX até 1920 estima-se que tenham sido criados 343 jornais no Brasil, desses 149 em São Paulo e apenas 22 deles fora da capital. Outro dado importante é que dos publicados em São Paulo, 60 eram em língua estrangeira (Ferreira, 1978).

A quantidade de jornais, entretanto, é proporcional à sua efemeridade. Seja por dificuldades financeiras, por perseguições políticas ou fragmentações internas, fato é que essas folhas apresentavam publicação bastante inconstante em periodicidade e quantidade de edições. Ferreira (1978) aponta que o que era uma constante eram os nomes dos que escreviam nos jornais, já que havia jornalistas que escreviam para variadas publicações. Esses eram considerados lideranças para o movimento.

A tese da autora defende que entre as forças que atuaram no desenvolvimento da imprensa operária, a figura do operário gráfico foi a decisiva. Esses profissionais apresentavam uma consciência precoce de classe e eram mais intelectualizados que outros segmentos operários: sabiam ler, escrever, tinham contato frequente com publicações e notícias diversas. Eram vistos como uma espécie de “elite” operária, e muitos deles se tornaram os “jornalistas” dessa pequena imprensa.

Em 1904, esse segmento organizou a União dos Trabalhadores Gráficos, e no ano seguinte vários jornais foram fundados por ela, com destaque o *Jornal Operário* e para *A Terra Livre*. Para Ferreira (1978) essas publicações formaram uma rede de comunicação sem precedentes no país.

Pelos motivos abordados nos itens anteriores, se expandiu pelo país o ideal libertário, conseqüentemente, a imprensa operária assumiu, em grande parte, também características anarquistas e anarcossindicalistas. Suas ideias se espalharam no país por meio da imprensa, panfletos e resoluções dos Congressos, que como já foi explorado, eram dominados pelos anarquistas

nesse período (MARAM, 1979). Seu papel na politização da classe operária foi decisivo.

Ferreira (1978) faz algumas considerações a respeito do funcionamento da imprensa operária, que esclarecem seu papel social e faz um contraponto à proposta de grandes veículos:

Não tem proprietário e sua mensagem é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas, produzido pela coletividade e para ela mesma. O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização (p. 6).

Maram (1979) coloca que o período de propaganda ativa do sindicalismo revolucionário iniciou-se por volta de 1902. E que a propaganda anarquista nos jornais foi o meio mais eficiente de promoção de suas ideias. Ele observa, ainda, três objetivos principais na imprensa anarquista: “mostrar que a repressão e exploração eram características do estado capitalista, lembrar aos trabalhadores brasileiros que sua luta pela liberdade era parte do movimento internacional, e promover a causa demonstrando-lhe o sucesso em outros países” (p. 87). Sempre com o intuito de mobilizar a classe.

Os mais importantes e de longa duração jornais anarquistas publicados em São Paulo foram *A Terra Livre*, *o Povo Amigo*, *La Battaglia* e *A Lanterna*. À frente deles estavam estrangeiros formados nas concepções libertárias, como Oreste Ristori, Neno Vasco e Edgard Leuenroth (Fausto, 1976).

3.1. Caracterização da imprensa operária

Embora seja difícil e mesmo impreciso caracterizar a imprensa operária, dada sua fragmentação e heterogeneidade, algumas características identificadas por estudos na área são fundamentais para estabelecer relações com os objetos de estudo desta pesquisa.

Ferreira (1978) tenta esboçar comparações entre as publicações operárias e a grande imprensa e observa que aquela se desvincula da ordem instituída, funcionando como objeto de oposição ao sistema. O tratamento dado à notícia é processual, recuperando e analisando os fatos mais profundamente. São comuns manifestos e comunicados, reprodução na íntegra de textos considerados importantes para o fortalecimento do movimento, convites para palestras, conferências e programas culturais desenvolvidos pelas associações e anúncios de escolas livres, por exemplo. É possível observar também a quase ausência de publicidade.

Nesses produtos, como é comum às publicações da época, na qual o jornalismo estava ainda se desenvolvendo como atividade profissional, não existia oficialmente a figura do repórter, do profissional da notícia. As redações recebiam constantemente material de fora das redações e se utilizavam de colaboradores. A ligação com o leitor era direta e incentivada, já que a tomada de consciência por parte desse era o principal objetivo desses veículos.

A diagramação parecia seguir a seguinte regra: ocupar todo o espaço, com texto de cima a baixo da página. Eram comuns charges na primeira página e predominava o formato tabloide. O número de páginas e a periodicidade variavam a cada edição, sem padronização. Em períodos de greve e forte agitação, manifestos, panfletos e boletins predominavam, pois a atenção estava focada na prática. A utilização de recursos gráficos mais complexos era rara, também devido à falta de possibilidades financeiras (FERREIRA, 1978).

A autora aponta, ainda, que a comunicação com o movimento operário internacional é uma tônica nessas publicações, característica ligada à relação dos imigrantes com seus países de origem e a visão anarquista de união e universalização do movimento, independente de localidade ou nacionalidade.

Fausto (1976) observa, ainda, a utilização de linguagem rebuscada e presença de figuras feministas e poemas acadêmicos, que exaltavam a emancipação futura ou descreviam a miséria do momento. Para Maram (1979), os jornais anarquistas eram constituídos por estilo simples, de conteúdo repetitivo e análises frequentemente simplistas, e seu propósito era “conduzir o

proletariado à ação e, em segundo, dar-lhe a orientação adequada para essa ação” (p. 89). Observa ainda, a exploração máxima de alguns temas, como o assassinato do espanhol Francisco Ferrer, por exemplo.

Segundo Sodré (1999), as definições do I Congresso Operário de 1906, de perspectiva anarquista, refletiram diretamente nas temáticas abordadas pela imprensa operária do período:

 Não adoção de doutrina política ou religiosa, nem mesmo de programa eleitoral; repulsa à participação do Estado nas comemoração do 1º de Maio; adoção da forma sindical de organização; criação de federações de sindicatos e da Confederação Operária Brasileira, proibição da admissão de não-operários nos sindicatos, inclusive de operários com qualquer cargo de mando nas empresas; luta preferencialmente pela redução do horário de trabalho do que pelo aumento dos salários; abolição das multas nas oficinas e fábricas; luta pelas oito horas de trabalho e contra a guerra; luta contra o alcoolismo e outros pontos (p. 313)

Ferreira (1978) trabalha com a hipótese de que o número de publicações aumenta nos períodos que antecedem a greve, buscando a mobilização, mas nos momentos de ação, o número de jornais diminui, já que todos se empenham na luta em si, e não mais na produção teórica. Já Fausto (1976) defende que os jornais, quando tem maior duração, se tornam espelho das condições sociais do movimento: nas fases de ascensão predomina esforço de ressaltar vida políticas dos trabalhadores e fazer mobilizações, nas fases de descendo, entretanto, o noticiário se dilui e ganha espaço a doutrinação.

Entre as publicações de longa duração do período, podemos citar “A Lanterna” como a mais consistente do anticlericalismo anarquista paulista. Sua temática principal era a luta contra a Igreja, como produto do “obscurantismo medieval”, (MARAM, 1979). O autor coloca ainda que foram responsáveis pelos primeiros leads sensacionalistas da imprensa paulistana.

O veículo aglutinava diversos círculos sociais além dos libertários. Peres (2004) realiza um estudo sobre o jornal no campo da educação. O autor trabalha com a hipótese de que os grupos e correntes libertárias elaboraram “estratégias de

aproximação” entre diferentes setores sociais, para concretizar seus planos de ação. Isso significa que os grupos de correntes libertárias se ligaram a diferentes grupos que compunham a sociedade paulista nas décadas iniciais da República para concretizar uma organização social alternativa à existente, grupos esses, que sob influência do ideal libertário, recusavam o alinhamento aos dominantes. Assim, agentes de correntes ideológicas distintas participavam da construção do jornal.

Na segunda fase de publicação de “A Lanterna”, entre 1909 e 1916, buscando situar o ideário libertário como um mecanismo de aproximação entre diferentes atores sociais, o autor observa que esses se encontravam atados por meio de pensamentos comuns, como o espírito científico, por exemplo. Dessa maneira, aponta o cientificismo como uma importante característica do periódico e identifica maçons, protestantes, positivistas e espíritas como grupos sociais atuantes no jornal nessa fase. Para ele, o veículo se apresenta com um caso exemplar da articulação entre os grupos sociais citados.

O conceito das aproximações, apesar de utilizado em outro campo de estudo, dialoga diretamente com os resultados desta pesquisa, já que a partir da observação dos agentes atuantes em “O Baurú” e “O Operário”, pode-se observar a presença de correntes ideológicas distintas em seus conteúdos. Essa temática será mais bem abordada adiante.

4. “O Operário” e “O Baurú”

4.1 Caracterização geral

Neste item iniciaremos a segunda parte deste trabalho, que analisará especificamente os jornais “O Operário” e “O Baurú”. Neste primeiro momento traçaremos uma caracterização geral desses veículos, criando uma contextualização que facilitará o posterior aprofundamento de suas características específicas.

“O Operário” foi o segundo veículo criado em Sorocaba com intenção de atingir a causa operária. Principalmente devido a sua regularidade de publicação e aos quase cinco anos de circulação, o jornal se revela o documento mais relevante para o entendimento das características da imprensa operária desenvolvida na cidade no período (FERREIRA, 2009).

A primeira edição publicada data do dia 18 de julho de 1909 e a última de 23 de novembro de 1913. Quando foi criado, os editores o definiam como “Orgam de Defesa da Classe Operária”, e a partir da edição 95, de 1911, o slogan passou a ser “Semanário de Combate”. Esse se dizia “Orgam de uma Associação Operária para a defesa de classe” e era publicado por um grupo de “Colaboradores diversos”.

O uso de colaboradores, fossem eles operários da cidade ou nomes ligados ao movimento de outras localidades, é marcante no veículo. No “Expediente” das edições vinha exposta a autonomia desses autores, com a mensagem de que o jornal não se responsabilizava pelo que era escrito por eles, dando total liberdade para que se manifestassem.

Já na primeira edição, a folha explícita que fora criada com objetivo de conscientizar a classe trabalhadora para a necessidade de uma ação conjunta e de luta por seus direitos:

conseguir a união ou a solidariedade da família operária de Sorocaba – necessariamente para o exercício de sua atividade, dentro das normas moralizadoras que nos faculta a cultura democrática, e de maneira a serem

progressivamente acautelados e defendidos os interesses respeitáveis da classe.⁶

Como fica claro nesse trecho, “O Operário” não nasceu com uma pretensão revolucionária, mas muito mais reformista, por meio de busca de melhorias, embora esse perfil se altere significativamente com o tempo. Nessa edição esclarecem, ainda, que não nasceram com nenhuma pretensão partidária, nem de causar “polêmicas baixas”, mas o objetivo último era a instrução e orientação do proletariado na luta por seus direitos:

lançar a publico uma série de verdades orientadoras da conduta do operariado, cuja educação cívica precisa ser contemplada, nem tanto para o conhecimento lúcido de seus deveres para com a Pátria, quanto para a própria valorização individual.⁷

Nesse texto de apresentação, expõem as condições de trabalho dos funcionários sorocabanos e afirmam que situação de precariedade pede solução urgente. Essa temática foi a explorada com mais profundidade durante todo o período de existência.

Ainda na primeira edição, o texto “PELA LIBERDADE”, exalta o papel da imprensa livre e de defesa dos oprimidos, com objetivo de “cientificar que em todas as camadas sociais devem ter uma representação daqueles que vivem numa obscuridade profunda, servindo como verdadeiros escravos submissos ao senhor”. Em 5 de fevereiro de 1911, é declarado que, embora “pequeninos, na estrutura física e quiçá intelectual (...) somos grandes, de coração e de espírito”.⁸

Da mesma maneira em que a luta do jornal é um dos temas abordados com frequência, as dificuldades de se fazer imprensa, principalmente operária, são reiteradas a partir de diversos artigos e, principalmente, nas datas comemorativas de aniversário de existência. No primeiro aniversário a imprensa é classificada como uma “obra gigantesca de um cérebro humano,

⁶ “O Operário”. O Operário, Sorocaba, 18/07/1909

⁷ “O Operário”. O Operário, Sorocaba, 18-07-1909.

⁸ **Em nosso posto**. O Operário, Sorocaba, 05-02-1911.

alavanca de progresso da humanidade perante os séculos”.⁹ Em seguida o intuito de criação do jornal e seu comprometimento com os que representam é novamente esclarecido:

Aos operários, nossos companheiros de lutas, no labutar constante de cada dia, os nossos protestos de solidariedade, e a firme convicção de continuarmos na senda por nós traçada em nosso aparecimento, de propugnarmos sempre pela defesa da classe operária.

Em 07 de julho de 1912, a “luta insana” dos “que trazem à luz da publicidade ‘O Operário’” é chamada de admirável, porque “chegam a sacrificar até o bem estar de suas próprias existências, para não terem ao menos o lucro material de seus sacrifícios”.¹⁰ Na edição seguinte, no segundo aniversário do jornal, é afirmado:

A mais modesta das folhas que se publica no Brasil em defesa da classe dos oprimidos, em defesa dos que lutam pela vida arrostando a tirania dos burgueses dos operários enfim, completando hoje mais um aniversário, nada mais tem feito do que pugnar pelos interesses da coletividade. Os desgostos, os aborrecimentos, as contrariedades, surgem a cada passo, porém nós, acostumados a sofrer com paciência a ingratidão daqueles que servimos, a injúria daqueles que dependemos, a calúnia daqueles que sempre em conta tivemos, não nos faz recuar da nossa vereda.¹¹

Até o início de outubro de 1909, era publicado quinzenalmente. A partir da edição 6, do dia 10/10/1909, as edições passaram a ser semanais. Apesar da regularidade, eram frequentes os pedidos para que os assinantes pagassem seus vencimentos atrasados e expondo as dificuldades financeiras para manutenção do veículo em circulação. Em 15 de fevereiro de 1910, é publicada uma nota avisando ao público que o jornal iria diminuir de dimensão devido a “pouca mensalidade em caixa”.¹²

Na edição seguinte reafirmam: “Os colegas não imaginam, não pensam o quanto é necessário um jornal defensor da classe, como é o nosso ‘Operário’ e

⁹ **O nosso primeiro aniversário.** O Operário, Sorocaba, 18-07-1910.

¹⁰ **Atitude Admirável.** O Operário, Sorocaba, 07-07-1912

¹¹ **O nosso aniversário.** O Operário, Sorocaba, 18-07-1912

¹² **Nota.** O Operário, Sorocaba, 15-02-1910.

a quantas despesas somos forçados”.¹³ Chamam, ainda, atenção para o fato de terem mil assinantes, e no final do mês contarem apenas com a quantia referente a 60 assinantes. Nessa edição diminuem o preço da assinatura de 500 para 300 réis. No expediente, assinado pelo diretor, é declarado: “agora colegas, precisamos trabalhar para que ‘O Operário’ não morra, já em diminuir é uma vergonha para a Classe, quanto mais se morrer!”¹⁴.

Durante todo o tempo de duração do jornal, as cobranças estiveram presentes com relativa constância. No dia 18 de dezembro de 1910 é publicado: “Um conto e vinte e quatro mil réis desprezando as frações é o prejuízo que dá um assinante velhaco e tratante durante o ano”.¹⁵ Na edição do dia 10 de abril de 1910, o jornal retoma seu tamanho inicial, e declara:

Hoje, mais do que nunca, devemos trabalhar pelos nossos direitos (...). Não só os brasileiros, como também os nossos companheiros, filhos de outras nações, tem igualmente garantidos os seus direitos (...). Trabalhemos, pois, e saibamos vencer. Salve! Operários!.¹⁶

Outra característica fundamental para compreensão da dinâmica de “O Operário” e seu papel está no fato de ser um jornal, majoritariamente, de transmissão de ideias e não de fatos. O papel destinado nas edições a conteúdo factual é mínimo em relação aos que objetivam transmitir posicionamentos e ideologias, moldar comportamentos e determinar ações de classe. Essa característica expõe um modelo de publicação típica do século XIX e pouco ligada à estruturação jornalística profissional. Esse tema será abordado com mais detalhamento nos itens subsequentes.

Ferreira (1978) observa que os jornais operários desse período em geral apresentavam baixa regularidade na publicação. “O Operário”, entretanto, foi estável nesse sentido durante quase toda a sua existência, principalmente considerando as dificuldades financeiras pelas quais passava. Em 1912, algumas edições deixaram de ser publicadas, por motivos como “um

¹³ **Aos que me leem.** O Operário, Sorocaba, 20-02-1910

¹⁴ **Expediente.** O Operário, Sorocaba, 20-02-1910

¹⁵ **Cálculo.** O Operário, Sorocaba, 18-12- 1910.

¹⁶ **“O Operário”.** O Operário, Sorocaba, 10-04-1910.

desarranjo inesperado”¹⁷, e no início de 1913 a situação do jornal havia se modificado de forma significativa. Nesse ano foi publicado até a edição 168, do dia 2 de fevereiro, e depois só voltou a ser publicado em 26 de fevereiro, por apenas três edições. Em 23 de novembro de 1913 era publicada a última edição. As razões dessas interrupções não foram esclarecidas.

Já “O Baurú” foi o segundo órgão de imprensa da cidade de Bauru e sua primeira edição foi veiculada no dia 16 de dezembro de 1906. O exemplar mais antigo no acervo, entretanto, é a edição de número 15, de 19 de maio de 1907. Nessa edição, é parabenizado por seu retorno, pois havia ficado parado (tempo não esclarecido na edição) por reestruturação de suas oficinas. Inicialmente era composto por quatro páginas com as duas últimas quase que inteiramente preenchidas por anúncios. Nos primeiros anos era publicado aos domingos e no início de 1909 passa para o sábado, provavelmente pela concorrência com outro veículo da cidade.

Pelegrina e Serra (1987) afirmam que “O Baurú” foi publicado até o ano de 1928, a última edição presente em arquivo, entretanto, é a de número 1066, do dia 21 de dezembro de 1924, nessa não há nenhum indício de que o jornal deixará de existir no ano posterior.

Durante sua existência, apresentou variados slogans. Nas primeiras edições disponíveis era: “Linha: Sorocabana e Noroeste do Brasil”, esse se perpetua até o final do ano seguinte. A partir daí os slogans passam a buscar representar seu papel e objetivo como órgão de imprensa. Na edição do dia 11 de dezembro de 1908, após breve paralisação, o jornal reaparece como “Orgam político, commercial e noticioso”. Nas primeiras edições de 1909 encontramos “Orgam imparcial, dedicado aos interesses do povo” e a partir da edição 98, do dia 24 de abril, “Orgam dos interesses do povo”. Após período sem slogan retorna no início de 1910 como “Semanário independente”, em meados de 1911 se torna “Orgam independente”. Na edição 289, de fevereiro de 1913 se denomina: “Orgam dos interesses do Município” e a partir daí vai se tornando mais abrangente: no início de 1915 aparece como “Orgam dos

¹⁷ **De lança em riste**. O Operário, Sorocaba, 10-03-1912.

interesses da Comarca” e na edição 562, de 11 de agosto de 1918, é mudado para “Orgam dos interesses da Zona”, que permanece até o final de 1924.

O jornal foi criado sob direção do advogado, político e comerciante Domiciano Silva. Em janeiro de 1908 passou para a direção do sobrinho de Domiciano, Tito Silvio Brasil, que permaneceu no cargo por menos de um semestre, voltando ao proprietário em 21 de junho do mesmo ano. Devido a questões que envolvem o desmembramento do Partido Republicano dominante na cidade, o periódico foi suspenso em setembro de 1908 e voltou a ser publicado em 11 de outubro do mesmo ano com sua linha editorial reestruturada. Nessa segunda fase o jornal esteve sob direção de Almerindo Cardarelli, que ocupou o cargo de diretor e proprietário até o fim das publicações.

As primeiras edições de 1909 não estão disponíveis em arquivo e os primeiros números disponíveis estão parcialmente ilegíveis, mas tudo leva a crer que logo no início desse ano a diretoria do jornal tenha sido substituída por Almerindo Cardarelli. Sua permanência na direção, entretanto, não é tão clara nesse período inicial. Até a edição 119 apareciam Cardarelli e José Martinho como redatores. A partir da edição 120 era veiculado como propriedade de uma associação e de direção diversificada. No final de 1910, entretanto, o italiano já aparecia como diretor-proprietário no cabeçalho do jornal e assim permaneceu até 1924.

O papel do diretor é fundamental para uma importante mudança no perfil do jornal, que se tornou mais presente nos assuntos municipais e mais adepto das causas populares, além de mais combativo. A partir daí há uma clara aproximação dos assuntos referentes ao movimento operário e direitos dos trabalhadores, movimento operários e luta de classes, assim como correntes ideológicas ligadas a essa temática. Até, principalmente, 1912 essa foi uma forte característica do jornal, perdendo sua importância a partir daí, mas a temática nunca se ausentou completamente.

“O Baurú” era um veículo com caráter essencialmente local, e com um foco maior nos temas factuais que “O Operário”, já que a proposta do jornal era a representação da zona Noroeste. Além de apresentar problemáticas

relacionadas às demandas da cidade e de sua população, e ter papel importante nas polêmicas políticas, também costumava se envolver fortemente com campanhas de caridade e em prol de instituições da cidade, sempre chamando a população a participar ativamente dessas ações. Da mesma forma eram publicados eventos sociais, como bailes, aniversários, casamentos e quermesses, por exemplo. Em relação à política o periódico era perceptivelmente um órgão republicano, ligado ao Partido Republicano Paulista. Apesar disso, nunca deixou de se declarar um órgão independente de qualquer grupo político e, realmente, nunca funcionou como órgão oficial.

Assim como em “O Operário” a problematização do papel da imprensa sempre foi muito presente no veículo. Eram comuns artigos que discutiam as dificuldades em se praticar a atividade jornalística, tanto pelo viés financeiro, quanto de posicionamento. Em edição especial de aniversário de um ano do jornal, em artigo editorial de Domiciano Silva, é afirmado que:

Só quem já militou no jornalismo do interior do Estado, pode avaliar a soma de esforços e desprendimento pessoal necessários para manter uma folha como a nossa, sem jungi-la às conveniências secundárias das agremiações políticas, independente do estipêndio dos cofres públicos¹⁸

Na edição de aniversário de 1912, coloca que é “com enorme sacrifício” que combatem os “poucos e terríveis inimigos” que o tentam derrotar, e enfatiza a importância das “justas campanhas que temos sustentado em defesa de milhares de trabalhadores”.¹⁹ Após 1913, a dedicação do veículo aos assuntos relacionados às causas operárias diminui consideravelmente, sem, entretanto, abandonar completamente essa característica, ou contradizer o anteriormente dito, nunca assumindo uma postura contrária a essas manifestações.

¹⁸ O Baurú. Bauru, 16-12-1907

¹⁹ **16 de dezembro.** O Baurú, Bauru 19-12-1912.

4.2 Aspectos gráficos e editoriais

Ambos os jornais apresentam estruturação bastante simples, típica dos jornais do interior do início do século XX. As edições padrão continham quatro páginas, das quais as duas primeiras, grosso modo, abrigavam conteúdo noticioso e as duas últimas eram destinadas a anúncios e seção livre.

A disposição das matérias nos dois veículos seguia o modelo simples de colunas estreitas, que começavam logo após o cabeçalho e se estendiam até o final da página, normalmente em uma sequência única, com uso de fontes pequenas e praticamente padronizadas. Essas características tornam a leitura dos jornais pouco dinâmica, mas eram comuns nas publicações da época, principalmente para os jornais mais modestos, que não apresentavam recursos financeiros e tecnológicos para o emprego recorrente de recursos gráficos mais elaborados como fotos, ilustrações e tipografia variada.

Os veículos estudados seguem a organização apontada por Schwarcz (2001), que diz que nos periódicos de São Paulo do século XIX, a primeira página tinha uma aparência mais rígida e organizada, e a segunda com conteúdo disposto de forma quase aleatória.

Em “O Baurú” havia uma organização espacial mais padronizada dos conteúdos, o que tornava a leitura mais previsível ao leitor. Embora haja variações em algumas edições, a regra acima apresentada para a organização das páginas é bastante válida. Normalmente, havia artigos grandes na primeira página, de caráter mais opinativo, e na seguinte espaço para notas e conteúdos mais factuais, embora a linguagem opinativa estivesse presente em quase todas as publicações, em diferentes graus.

Em “O Operário” a primeira página, normalmente era preenchida por textos mais longos e a seguinte por notas e pequenos textos, porém a seleção e distribuição do conteúdo era bastante aleatória.

A utilização de seções se tornou mais comum nos jornais a partir de 1911. As mais usuais ao longo do tempo foram “Noticiário” (em “O Operário”) e “Factos e Notas” (em “O Baurú”); “Diversões”; “Vida Social” e “Seção livre”, divisão muito

comum na organização de periódicos do início do século XX. O “Baurú”, entretanto, apresentou uma série de outras colunas, e podemos acrescentar “Futebol” e “Notas Policiais” entre as mais duradouras. Juntamente às acima citadas, houve, inclusive, muitas colunas dedicadas ao humor.²⁰

A seção “Noticiário”, em “O Operário”, trazia pequenas notas sobre acontecimentos locais, nacionais ou internacionais que envolvessem o movimento operário: denúncias de situações abusivas nas fábricas, acidentes de trabalho, reuniões operárias, passagem de oradores no país ou na cidade, manifestações e informativos de greves eram os temas mais comuns abordados nesses pequenos textos. Em “O Baurú”, “Factos e Notas” era composta também por pequenas notas, porém mais abrangentes na temática, embora mais delimitadas geograficamente: na maioria eram tratados assuntos de relevância municipal, bem variados, desde inaugurações de estabelecimentos, obras, espetáculos em cartaz, até reparos nas ruas e mudanças administrativas.

Como é costumeiro, a seção “Vida Social” parabeniza aniversariantes, pessoas que se casavam, se hospedavam na cidade, e abrigava todo o conteúdo ligado ao que hoje chamaríamos de “coluna social”. O que diferencia os dois jornais nesse sentido, é que em “O Baurú” eram abordadas celebrações de interesse da alta sociedade bauruense, e em “O Operário” era focada em amigos, parceiros e aliados do movimento operário.

Para “Seção Livre” e “Diversões” segue-se a mesma lógica. Na primeira, era publicado todo o material que não era de autoria própria do jornal e sim enviados por leitores à redação, e na segunda eram divulgadas as atrações da cidade naquela semana, sessões de cinema, peças de teatro em cartaz e circos, por exemplo. Assim como ocorria com as notícias em geral, enquanto em “O Operário” eram selecionados assuntos relacionados apenas ao universo dos trabalhadores, em “O Baurú” eram publicados também conteúdos ligados às elites e oficiais, como editais, informes do comércio e indústrias, por exemplo.

²⁰ A questão do humor e das outras seções existentes em “O Baurú” foi analisada com mais profundidade em: Ribeiro, Mariana. “Jornalismo, Cidade e Sociedade em O Baurú”, 2013.

Em ambas as publicações era pouco significativo o aproveitamento de recursos gráficos, devido, principalmente, a escassez de recursos técnicos, que impossibilitava maiores experimentações e acabava por configurar um modelo padronizado e pouco variável, e que acompanhava lentamente as mudanças ocorridas na grande imprensa.

Apesar disso, em “O Baurú” as possibilidades eram mais bem aproveitadas. Nele, as fotografias apareceram pela primeira vez na edição de aniversário de um ano do jornal²¹, em 1907, com viés claramente oficial. Tratava-se de uma edição de 6 páginas e a capa trazia a primeira foto publicada no jornal: a de Eugenio Lafon, diretor da Noroeste do Brasil em Bauru. A segunda foi na edição sobre a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil²², no ano seguinte. Em “O Operário” foi usada uma ilustração em 1909, que trazia uma réplica de um cartão da fábrica Votorantim, utilizado para compras no armazém²³, e as fotografias nunca foram utilizadas.

Em relação à abordagem, o conteúdo nos jornais é tratado de forma processual, sendo abordado em diversas edições consecutivas, nem sempre com alguma novidade em relação ao tema, mas apenas reforçando as ideias propostas. Essa característica é apontada por Ferreira (1978), como comum à imprensa operária do momento, que priorizava recuperar e analisar os fatos com profundidade. Em “O Baurú” isso é mais comum nas longas campanhas promovidas no jornal, como a contrária a Igreja Católica local, por exemplo.

Em “O Operário” praticamente todos os temas principais se repetem em diferentes graus e era comum também, a divisão do mesmo texto em diversos trechos, que eram publicados em edições consecutivas, em continuidade. Um exemplo claro disso no jornal é o texto a “Essência do Socialismo” que foi publicado ao longo de dezenas de publicações (com algumas faltas no período) e que nunca foi terminado, o que significa que o nome do autor nunca foi explicitado no jornal. Essa característica está de acordo com a apresentada por Maram (1979), por exemplo, de que esses jornais apresentavam conteúdo

²¹ O Baurú, 16-12-1907.

²² O Baurú, 16-02-1908.

²³ **Os famosos cartões** O Operário, Sorocaba, 12-09-1909

simples, repetitivo e que as análises buscavam, como fim último, conduzir o proletariado à ação.

A linguagem empregada por ambos os jornais era fortemente panfletária e virulenta, ligada ao modelo francês de jornalismo, com posicionamento partidário claro e texto rebuscado. O estilo do texto, com claro posicionamento e intenção de formação de opinião, é próprio da passagem do século XIX para o XX, momento de definição da área e da elaboração de uma nova visão do que é a notícia e como ela deve ser produzida. Barbosa (2007) coloca que apenas a partir da década de 20 começa a se construir a noção de linguagem jornalística, neutra e imparcial, e de valorização da informação acima da opinião. Ressalta que mesmo nesse período essas características ainda não eram observadas na maioria dos periódicos por ela analisados.

Na leitura do jornal é, também, fácil perceber as características apontadas por Costa (2005), em relação à falta de familiaridade com o gênero e da delimitação de um estilo próprio de linguagem, ainda muito ligada ao gênero literário.

Não há informações claras sobre os profissionais que trabalhavam em nenhum dos dois jornais, mas a partir das informações colhidas ao longo das edições é possível identificar que a maior parte dos que escreviam para os dois veículos não se dedicavam exclusivamente a essa atividade, mas tinham outras ocupações além do jornal. Em “O Baurú”, os redatores eram homens importantes na cidade, sem experiência na área jornalística e que exerciam outras atividades profissionais. Em “O Operário” esses homens eram também operários, que se desdobravam entre as duas atividades.

A falta de objetividade é uma tônica nas duas publicações. “O Baurú” se posicionava veementemente em relação às questões municipais, e a percepção de quem eram os aliados e não aliados do jornal era perceptível a partir da leitura sistemática das edições. Apesar de se autodenominar um órgão independente, apresentava claramente um posicionamento de grupo político acerca dos diversos assuntos referentes à cidade. A linguagem

empregada era, inclusive, bastante agressiva e combativa em diversas situações, se utilizando em algumas situações de insultos pessoais.

“O Operário”, como foi dito anteriormente, foi por excelência um jornal de transmissão de ideias e, por isso, o posicionamento e a opinião são inerentes à sua existência. Apesar disso, em “O Baurú” os ataques eram ainda mais diretos e muitas vezes mais agressivos, já que o jornal sorocabano não era diretamente ligado às questões municipais e só se ocupava das temáticas diretamente relacionadas ao universo da luta operária.

O diálogo com outras publicações era intenso nos dois jornais. Ambos publicavam matérias extraídas de outros veículos, fossem eles da capital ou do interior e, algumas vezes, internacionais.

A seleção dos diálogos promovidos se relaciona, diretamente, com as propostas de cada um dos jornais. Em “O Baurú” eram publicadas notícias de cidades vizinhas, provavelmente no intuito de se consolidar como um representante da zona Noroeste. A partir de 1909, é criado um novo periódico no município: “A Cidade de Baurú”. Esse jornal, alinhado à política municipal da cidade, marcou o início dos conflitos constantes entre os dois veículos. O diálogo aumentou tremendamente após o surgimento do novo órgão, principalmente por apresentarem posições políticas opostas e cada um se apegar a um grupo político municipal. Esse diálogo foi tão intenso que em algumas edições “O Baurú” chegou a não publicar nenhuma matéria própria em sua primeira página, mas destiná-la inteiramente a criticar ou responder matérias publicadas no órgão concorrente.

Em “O Operário”, a comunicação se dava, principalmente, para apresentar discussões sobre o movimento operário travadas em outras localidades, inclusive em âmbito internacional. Em âmbito municipal, o diálogo era escasso e quando se dava ocorria com o “Cruzeiro do Sul”, o maior jornal do município no momento, e embora não tão frequentes, os embates entre os dois eram abertamente agressivos. Logo nas primeiras edições, o jornal publica a matéria “UMA E ÚNICA RESPOSTA AO “Cruzeiro do Sul”, que ocupou quase duas páginas. Nela dizia:

Já se estava fazendo sentir a demora, do órgão de todos os engrossamentos em vir atacar, como de costume, tudo quanto pende para o honesto, para o justo e para o elevado (...) Para a gente do 'Cruzeiro' só são honestos, só são laboriosos, só tem caráter os que vivem de rastros, beijando as plantas dos pés de seus superiores (...) Útil e proveitoso para V.S. é bajular, é mentir, é caluniar, é a retratação, é fazer enfim tudo quanto vosso jornal tem feito! (...) meio de propaganda para sufocar, aparentemente, o grito dos oprimidos ²⁴

Outra característica marcante nos jornais, principalmente em “O Operário”, era o uso constante de colaboradores nas edições. Esses, muitas vezes, assinavam com iniciais, nomes fictícios ou apelidos, como é o caso de “Nero”, em “O Baurú”, e “Um revolucionário”, em “O Operário”. Esse fato dá aos jornais, principalmente ao sorocabano, um caráter de opinião bastante heterogêneo e em vários momentos incoerente, característica essa que será melhor analisada no item “Perfis Ideológicos”.

De modo geral, o que diferencia os dois veículos, principalmente, é o fato de “O Operário” ser um veículo segmentado, voltado a uma parcela específica da sociedade, uma parcela marginalizada social e economicamente. Consequentemente, seus recursos financeiros e, principalmente, as temáticas selecionadas para serem abordadas são voltadas exclusivamente para esse setor.

Em “O Baurú” há, portanto, uma organização mais avançada e o próprio conceito de atividade jornalística está mais desenvolvido. Isso, provavelmente, se relaciona ao fato de o veículo bauruense não ser um jornal exclusivamente voltado para um segmento da sociedade, mas ter o intuito de ser representante da cidade como um todo, e para isso se espelhar no que era feito pelos jornais da capital. Nele, a divisão entre matérias, editoriais, artigos de opinião e notas é mais bem desenvolvida, apesar de ainda muito incipiente, pois a linguagem panfletária, típica dos pasquins, ainda era utilizada nas publicações, independente do gênero, e conceitos como o de fonte e reportagem ainda não fazem parte da construção do material publicado.

²⁴ **UMA E ÚNICA RESPOSTA AO “Cruzeiro do Sul”**. O Operário, Sorocaba, 10-10-1909

4.3 Principais temáticas: o universo operário em “O Operário” e “O Baurú”

Entender a seleção de temáticas de um veículo de imprensa diz muito sobre seu funcionamento, sobre quem o faz e para quem o fazem. Os estudos sobre o fazer jornalístico abordam com centralidade a construção e seleção do que é notícia. Sousa (2002) defende que o real é um contínuo de fenômenos interligados e que o que transforma um acontecimento em um produto noticioso é o sistema jornalístico.

Este é responsável por “recortar” a realidade e transformar fatos em notícias, atribuindo-lhes os chamados “valores-notícias”, que seguem uma série de critérios, variáveis em cada veículo. Traquina, dessa maneira, defende que “as notícias são resultados de processos complexos de interação social entre agentes sociais” (TRAQUINA, 2005, p. 173). Wolf (2006) caracteriza esse processo, nos quais os meios selecionam, geram e controlam o conteúdo veiculado como noticiabilidade.

Neste item, portanto, buscando caracterizar as dinâmicas de funcionamento dos jornais em questão, iremos analisar as principais temáticas identificadas em cada um deles. Para buscar compreender as abordagens dadas aos temas é preciso considerar, primeiramente, a diferença nos perfis das duas folhas, já que “O Baurú” era um jornal mais geral, com o objetivo último de representar a cidade e a sociedade de Bauru e da zona Noroeste como um todo, e “O Operário” era um veículo segmentado, com o interesse principal de representar o operariado sorocabano.

Como foi dito anteriormente, a temática selecionada por “O Operário” diz respeito exclusivamente aos assuntos diretamente relacionados ao universo operário, com pouquíssimos exemplos que fujam a essa regra. Denúncias de abusos nas indústrias municipais, direitos trabalhistas, e discussões teóricas sobre o movimento operário estão entre os principais assuntos abordados. Da mesma forma, a importância da instrução é constantemente reiterada entre os colaboradores, assim como da união entre o operariado, buscando uma ação

conjunta e eficaz. Esses temas são explorados continuamente e à exaustão pelo jornal.

“O Baurú”, por outro lado, apresenta uma temática mais diversificada, ligada aos assuntos gerais que se relacionam à gestão e ao cotidiano municipal. Fica claro, entretanto, um posicionamento do veículo em prol dos assuntos operários, principalmente no período abordado por esta pesquisa, após a entrada de Almerindo Cardarelli em sua direção.

Dentre os conteúdos privilegiados estão não só aqueles que dialogam diretamente com a defesa do operariado, mas com as diversas correntes de pensamentos que embasavam o movimento operário no Brasil. Apesar de as vertentes se misturarem com frequência, essas, no geral, se relacionavam com o movimento anarquista, como o cientificismo, o anticlericalismo e o livre pensamento, por exemplo.

Uma diferença importante entre os jornais é que “O Baurú”, por apresentar um envolvimento intenso com as questões municipais, atuou diretamente nas polêmicas da cidade, desde a importância de implantação de melhorias até embates políticos, apresentando um perfil mais factual, apesar da subjetividade presente. “O Operário”, por outro lado, não apresentava um conteúdo que se relaciona com os diversos temas que estão presentes na organização de um município, a temática do jornal era inteiramente dedicada às reivindicações do operariado.

Neste item, portanto, apresentaremos as temáticas principais abordadas pelos jornais e que dizem respeito ao universo do operariado, e tentaremos, assim, estabelecer aproximações e divergências entre as abordagens presentes em “O Baurú” e “O Operário”, e compreender melhor as dinâmicas jornalísticas desses veículos. É importante destacar que os temas aqui selecionados para análise são os mais recorrentes no jornal sorocabano, e que o bauruense contava com outros assuntos prioritários, mas que não se relacionam ao movimento operário, e por isso, não dizem respeito ao recorte desta pesquisa.

4.3.1. O trabalho e os direitos trabalhistas

As condições de trabalho e a luta por direitos trabalhistas é a principal temática abordada por “O Operário”, dada à prioridade do assunto na realidade dos operários. A exploração da classe e a situação de penúria em que viviam eram frequentemente discutidas pelo jornal, por meio de artigos e denúncias variadas, publicadas em todas as edições. Em outubro de 1910, por exemplo, em texto sobre a importância da instrução para mudança do rumo de vida dos operários, é afirmado:

Na legião de indigentes que, em toda a parte, por todos os lugares, imploram dos transeuntes uma migalha qualquer para matar a fome que os devora ou a nudez que os envergonha, não é raro encontrar-se homens e mulheres que consumiram sua mocidade em fábricas, que suportaram pacientemente as exigências de seus superiores e que uma vez minados pela doença adquirida no trabalho, atingidos pela velhice, foram estupidamente, desumanamente dispensados.²⁵

Em setembro de 1912, outro texto deixa clara a crítica à exploração burguesa. Nele é declarado que:

Nos prometeram, desde a oposição, a liberdade do trabalho, e nos tem feito escravos do patrão, se encarregaram de organizar a indústria e garantir o nosso bem estar, e nos deram a crise interminável e a miséria, nos prometeram a instrução e nos tem reduzido a impossibilidade de instruir-nos”.²⁶

Em outros casos as desigualdades sociais promovidas pelo sistema de trabalho são explicitadas:

Essa horda de exploradores consegue acumular fortunas dando uma esmola – porcentagem de seu produto a esses párias, do trabalhão que bela sociedade, uns mendigando o pão para seus filios, outros gastando rios de dinheiro, passeando de automóveis, bons teatros, boas carruagens. Aproveitem

²⁵ **Na arena de combate.** O Operário, Sorocaba, 22-10-1910

²⁶ **O Reinado da Burguezia.** O Operário, Sorocaba, 22-09-1912.

senhores burgueses, enquanto se dorme o sono letárgico da ignorância. Mas se o leão desperta, ai de vós, ai vereis quanto vale o povo adormecido.²⁷

Em artigo sobre a importância da organização dos trabalhadores em ação conjunta, para não sucumbir às pressões patronais, é afirmado que: “A burguesia exerce a exploração, em terra, no mar e até nas entranhas do solo, em todos os ramos da atividade humana, pela religião, pela imprensa, pelo livro, na escola, na associação, no teatro, no lar, etc”. E mais adiante completa, esperançoso: “é demasiado tarde para procurar deter a maior corrente de solidariedade que o mundo tem visto e que há de fatalmente conduzir à vitória o operariado internacional”.²⁸

As condições de vida dos trabalhadores é, também, frequentemente comparada ao processo promovido pela escravidão. Em “A origem do mal” é declarado que “entre o então escravo negro de outrora e o escravo branco de então, a diferença é tão pequena, tão pálida, que quase desaparece”.²⁹ A questão do negro na sociedade, entretanto, praticamente não é abordada pela folha.

Além das denúncias, a preocupação seguinte do jornal era de sempre mobilizar o operário para a ação, em uma intenção clara de moldar comportamentos e mostrar que a mudança depende primordialmente dos seus próprios esforços. Nesse sentido, mensagens de exultação à importância e poder dos trabalhadores são muitos comuns entre as publicações.

Em “Sim, a culpa é nossa”, é questionado: “por que razão vós conservais esse silêncio de morte quando a vida intensa nos circula nas veias?”³⁰. Em março de 1911, o operário é chamado de “esteio da civilização”: “o operário é a pedra angular de todo esse concerto, é a coluna por assim dizer em que jaz

²⁷ **A infância em fábricas de tecidos e suas consequências.** O Operário, Sorocaba, 28-07-1912.

²⁸ **Consequências da organização.** O Operário, Sorocaba, 21-01-1912.

²⁹ **“A origem do mal”.** O Operário, Sorocaba, 30-10-1910.

³⁰ **Sim, a culpa é nossa.** O Operário, Sorocaba, 06-11-1910.

assentada a riqueza, o orgulho, a vaidade, o luxo, a prepotência ao lado de todas as torpezas, de todas as misérias”.³¹

Da mesma maneira, essa exaltação da figura dos trabalhadores vinha acompanhada por um discurso de mobilização e esperança, em um processo de tentativa de formação de pensamento e incentivo à tomada de consciência de suas condições e possibilidades de ação. Em alguns momentos, esse discurso assumia um tom também de ameaça, como é o caso do artigo publicado na primeira edição de 1911, na qual é afirmado: “Desafiamos, portanto, os homens de poder que venham contra nós e encontrarão a resistência de um leão subjugando a sua presa”.³²

A mesma perspectiva pode ser observada em “Estamos vencendo”:

que estamos vencendo não resta dúvida alguma, bastar notar-se que as nossas reclamações tem diminuído um pouco, o que prova exuberantemente que a coisa vai melhor, que já se não praticam tantas patifarias como outrora, que o receio de figurar nas colunas d’O Operário como *ilustres personagens* tem contribuído direta ou indiretamente para a realização do nosso ideal” (...) daqui a alguns anos a classe oprimida de então abandonará a obscuridade em que vive para penetrar o templo da luz.³³

E também na mensagem de ano novo de entre 1911 e 1912:

A esperança anima a classe operária no seu surto gigantesco, para um viver melhor. Essa asserção se confirma com a satisfação que tivemos no ano expirante, em cujo ano tivemos o grato contentamento de vermos surgir em vários pontos do universo legiões de operários conscientes e esclarecidos, que abraçando a união bendita entrarão para a arena da peleja, lutando e triunfando.³⁴

Nesse mesmo ano, um texto é publicado por um operário que, segundo ele, havia sido despedido de uma fábrica de Sorocaba por ser anarquista. A

³¹ **Analysando...** O Operário, Sorocaba, 19-03-1911.

³² **O presente e o futuro.** O Operário, Sorocaba, 01-01-1911.

³³ **Estamos vencendo.** O Operário, 31-07-1910.

³⁴ **Anno Novo** O Operário. Sorocaba, 31-12-1911.

mensagem transmitida pelo ex-funcionário condiz com essa intenção de insuflar a ação operária:

Julgais que comigo desaparecido da fábrica nunca mais sopraria entre teus operários o espírito da revolta? Erro! Algum dia outro me substituirá ou os mesmo operários hoje humildes, militarão nas minhas fileiras, eles mesmos serão os meus vingadores. (...) Quanto maior a vossa repressão, quanto maior a perseguição, tanto maior o nosso ódio contra vós, e tanto maior o número de rebeldes.³⁵

A linguagem do jornal, normalmente, apresentava um tom sério e combativo, bastante direto. Em alguns momentos, entretanto, havia espaço para manifestações mais lúdicas e que demandavam mais da imaginação e capacidade de interpretação do leitor. É o caso de “Um perfil... (aos que luctam pela nossa causa)”, construído completamente como se falasse sobre uma mulher, mas no final está se referindo, na verdade, à liberdade expandida a todos os seres humanos:

Ela é alta, morena, formosa. Dotada de uma tal grega e indescritível formosura, que desafia o mais imortal poeta, o mais laureado artista, para aquele, o poeta, o graúdo inspirador das musas, descrevê-la nos seus belos e encantadores versos.³⁶

A luta pelo estabelecimento das oito horas de trabalho é um dos assuntos mais recorrentes em toda a existência do jornal. A importância da regulamentação da jornada de trabalho, assim como da divisão do dia em três partes: descanso, trabalho e lazer, são frequentemente reiterados por diversos artigos, de colaboradores distintos e mesmo com perspectivas ideológicas distintas, mas na defesa da mesma ideia.

O tema começa a ser tratado logo na segunda edição, quando é publicado um texto extraído de “O Commercio de São Paulo”, abordando a importância de um projeto de lei que regulamentasse o período de trabalho. O artigo é completamente favorável às reivindicações dos trabalhadores, afirmando que

³⁵ **Carta aberta aos industriais de Soares Irmãos & Nesta.** O Operário, Sorocaba, 03-11-1912.

³⁶ **Um perfil... (aos que luctam pela nossa causa).** O Operário, Sorocaba, 19-03-1911.

algumas demandas merecem debate, “mas o que parece definitivamente assentado e acima de qualquer discussão séria é a procedência, a justiça e a viabilidade da reclamação relativa às horas de trabalho”.³⁷

Algumas edições depois, o jornal publica um texto próprio, criticando duramente os patrões das fábricas de Sorocaba, e as condições de trabalho que impõem aos funcionários:

Sorocaba, a Manchester do Estado de S. Paulo, conta um numero elevadissimo de operários que são obrigados pelos seus patrões a trabalharem 13 e 14 horas diárias para não morrerem de fome! Mal tratados pelos prepotentes gerentes e seus auxiliares que são os mestres e contramestres bajuladores que, não trepidam somente em maltratar também os seus companheiros, roubando-lhes o suor, em proveito de seus patrões, impondo-lhes multas exageradas e, reduzindo a classe ao estado a que se acha: sem horas para se instruir, sem horário para o seu descanso e sem liberdade de pensamento.³⁸

A reivindicação é um dos esteios da ação do jornal e é lembrada com intensa frequência. Embora haja divergências de ideias entre os que escreviam no veículo, esse tema é visto com unanimidade como urgente e o tom assumido nesses artigos normalmente é agressivo. Em dois artigos, referentes ao primeiro de maio, é declarado que, “imensa barbaridade que até aqui temos observado, a imposição de (...) mais horas de trabalho é o cúmulo da selvageria, é a ingratidão em sua plenitude, é enfim o requinte da malvadez”³⁹, e que a ação de 1906 pelas 8 horas, “concretizou o poder de ação dos trabalhadores e demonstrou que a luta no terreno econômico origina as fecundas repercussões sociais, influenciando os poderes públicos e atuando sobre eles, tão eficazmente como contra os capitalistas”⁴⁰.

É importante ressaltar, entretanto, que o trabalho sempre foi glorificado no jornal, tratado na visão “o trabalho dignifica o homem”. Em um artigo é afirmado que “o trabalho é um dos principais educadores do homem, produz e disciplina,

³⁷ **As 8h.** O Operário, Sorocaba, 02/08/1909.

³⁸ **A situação operária.** O Operário, Sorocaba, 31-10-1909.

³⁹ **1º de Maio.** O Operário, Sorocaba, 01-05-1910

⁴⁰ **O 1º de maio de 1906 e as oito horas.** O Operário, Sorocaba, 08-05-1910.

a obediência, a atenção, a consciência, a aplicação e a perseverança. (...) O trabalho pode ser um fardo e um castigo, mas não deixa também de ser uma honra e uma glória”.⁴¹

Assim como as horas de trabalho, a regulamentação do trabalho infantil e feminino é uma das bandeiras levantadas por “O Operário”, sempre tratado como um abuso, devido, principalmente, à carga horária elevada e aos salários muito baixos. Já na oitava edição é publicado o artigo “A questão operária – os menores nas fábricas – Medida que se impõe”, transcrito de “São Paulo” e que expõe a situação de penúria. Em março de 1910, às crianças são chamadas de “vítimas encarceradas nas fábricas”.⁴² E outra ocasião é afirmado:

Ninguém imagina o sofrimento das crianças que trabalham em fábricas nesta época de inverno, as pobrezinhas, tiritando de frio, levantando-se pela madrugada e seguem muitas vezes sem tomar café, para o trabalho, isto devido à força da necessidade, descalças, com roupa simples, sujeitos ao rigor da temperatura, enquanto os grandes, os homens de fortuna dormem.⁴³

Já em “O Baurú”, logo após a entrada de Almerindo Cardarelli na direção do jornal podemos observar uma clara tendência à publicação de notícias relacionadas aos direitos dos trabalhadores, movimentos operários e luta de classes. Até 1912 essa foi uma forte característica do jornal, perdendo sua importância a partir daí, apesar de a temática nunca ter se ausentado completamente.

No jornal, existem poucas informações disponíveis sobre a vida do diretor, mas em junho de 1921, em meio à luta que liderava contra a Igreja Católica local, são fornecidas informações importantes, como a de que ele havia sido funcionário da Companhia Paulista entre junho de 1900 a julho de 1908. Ele se defende, naquele momento, de acusações de liderança de greve, de “agitador” e “anarquista”. Esse envolvimento direto com o movimento operário, provavelmente, está relacionado ao perfil de defesa do proletariado que assumiu o jornal após a sua entrada.

⁴¹ **O Trabalho.** O Operário, Sorocaba, 07-01- 1912.

⁴² **Oito horas de trabalho às creanças.** O Operário, Sorocaba, 06-03-1910.

⁴³ **Pelas creanças.** O Operário, Sorocaba, 29-05-1910.

Essa tendência se dá de diversas maneiras no jornal. Os artigos dedicados ao primeiro de maio, por exemplo, são exemplos relevantes, já que a data foi amplamente comemorada durante alguns anos de publicação. A edição que lembra a celebração em 1909 é um das mais emblemáticas nesse sentido. No alto da página é encontrado o título em letras garrafais: “Homenagem a festa do proletariado” e logo abaixo: “Salve! Primeiro de Maio de 1909 Salve!”. Essa edição é praticamente toda destinada ao dia dos trabalhadores. Na primeira página encontramos três textos: “Socialismo”, que traz um histórico do movimento desde o seu surgimento; a seguir: “1 de maio” defendendo a importância do dia e afirmando que “esta data denuncia que a classe operaria, ainda tem vida própria e sente-se forte, para com o trabalho, cooperar com sua irmãs no desenvolvimento da ciência, do comércio, da indústria e de todos os problemas sociais”; por um último há um texto em italiano, “Salve o primo Maggio”.

Em 1911, a celebração se repete⁴⁴, noticiando que:

A distinta e honrada classe operária Bauruense (...) comemorará hoje a gloriosa data, que, pelo grandioso desenvolvimento progressivo dos homens do trabalho, pela tenacidade dos fautores da independência dos trabalhadores, anuncia n'esta sublime manhã o *esplendor do sol do porvir*.

Essa mesma matéria prevê, ainda, que data se tornará feriado:

Não muito longe, porém, acha-se a época em que esta data será considerada *feriado mundial*. Não está longe o dia em que a humanidade, reconhecendo os sagrados direitos dos trabalhadores, será obrigada a curvar-se perante a grande máquina do movimento do progresso de todas as raças e proclamar em altos brados a pura e verdadeira Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Após 1912, a data deixa de ser tratada com tamanha atenção, em alguns anos posteriores chega até a não ser noticiada.

⁴⁴ **1º Maio**. O Baurú. Bauru, 01-05-1911

Outro aspecto que explicita esse pensamento do jornal em relação aos trabalhadores é o destaque dado à divulgação das greves. Em 1913 os trabalhadores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil entraram em greve por falta de pagamento, os funcionários das linhas estavam há sete meses sem receber o salário. O jornal se mostra solidário à causa afirmando que:

Durante o percurso deste trem não houve o menor inconveniente e aquele elevado número de pobres trabalhadores que desesperado vinha reclamar seu sacro direito, portou-se dignamente bem (...) sobre seus rostos e seus farrapos estavam retratados a fome e a miséria (...). Não eram grevistas que vinham procurar um melhoramento de salário ou uma diminuição de horas de trabalho, eram homens que cansados do trabalho e exaustos pelo sofrimento, vinham reclamar seus vencimentos para matarem a fome de seus filhos e cobrirem-lhes a nudez.⁴⁵

É importante observar que mesmo o jornal tendo perdido seu caráter promovimento operário após 1913, ele não inverteu ou desmentiu essa tendência, visto que não eram publicadas críticas à classe. Esporadicamente apareciam algumas matérias nesse sentido, noticiando greves e falta de pagamento, por exemplo, normalmente afirmando que as causas dos trabalhadores eram justas e os movimentos pacíficos.

4.3.2. Abusos no trabalho

Além das discussões sobre as melhorias nas condições de trabalho, o conteúdo de denúncia às situações vivadas, principalmente, nas indústrias sorocabanas, no caso de “O Operário” e nas Estradas de Ferro, no caso de “O Baurú”, era frequente, e por questões de perfil editorial, mais comum em “O Operário”. Críticas a funcionários da gerência, casos de funcionários demitidos injustamente e acidentes de trabalho estão entre os episódios mais relatados.

Em “O Operário” a primeira grande indústria a ser alvo de uma campanha de crítica foi a fábrica Votorantim. O primeiro caso se deu logo na terceira edição do jornal, quando relatam que a empresa imprimia cartões com valores

⁴⁵ Na Noroeste –GREVE DO PESSOAL DA LINHA. O Baurú. Bauru, 19-10-1913.

diversos que só podiam ser usados no estabelecimento Armazém Votorantim, de Francisco Scarpa e Filho e declaram:

o operário, forçado pela necessidade, e não dispondo de recursos, lança, forçosamente, mão do único de que dispõe dos cartões e vai, coitado, curvado ao peso de tantas misérias, levá-los ao feliz negociante que lhe dá em troca mercadorias que bem podem ser de péssima qualidade, portanto prejudiciais a sua saúde, e por preço ao seu talento!!⁴⁶

Terminam dizendo que operário deve sair do estado de servilismo imposto pela fábrica. Essa campanha se estendeu por muitas edições. O alvo maior nesse caso e em vários outros que se passaram foi o gerente da Votorantim, Eugenio Mariz. Uma matéria inclusive, afirmava que o gerente estava pressionando funcionários a assinarem protesto contra o jornal.⁴⁷

Ao longo de toda a publicação a Votorantim foi lembrada por abusos em suas instalações. Em 1912, o veículo voltou suas atenções para outros dois funcionários: o chamado sr. Duarte e José Demartins.

A partir do relato do episódio, pode se presumir que Duarte já esteve um dia lutando ao lado dos operários e, naquele momento, passava a confrontá-los, trabalhando ao lado da diretoria. Em um dos textos é indagado: “Senhor Duarte, onde está o comunismo que o senhor difundia?”, e declaram aos funcionários: “Proletários, onde está a vossa consciência e a vossa dignidade? Não deixeis massacrar assim a vossa Liberdade”.⁴⁸ Mais adiante é relatado que a filha de Duarte, inclusive, havia sido batizada de “anarquia”, e o contestam: “naquele belo tempo que o nosso homem tinha cérebro que pensava e agia por si próprio, não tinha perdido todavia as faculdades de homem independente para se transformar numa máquina”.⁴⁹

Já com José Demartins o problema dizia respeito à sua ineficiência para função que exercia. Em uma das edições pedem que Eugenio Mariz “mande o senhor José Demartins dar uma passeio na Itália para nunca mais voltar. Os operários

⁴⁶ **Monopólio** O Operário, Sorocaba, 22-08-1909

⁴⁷ **Fábrica Votorantim – Ao banco União de São Paulo.** O Operário, Sorocaba 25-09-1909.

⁴⁸ **Votorantim.** O Operário, Sorocaba, 31-03-1912.

⁴⁹ **Votorantim.** O Operário, Sorocaba, 03-05-1912.

desejam que o nosso mestre vá passear no Vesúvio quando o vulcão estiver em erupção”⁵⁰ e em outra afirmam estarem prontos a ir à luta: “pelo nosso direito iremos até em São Paulo, falar com a diretoria do ‘Banco União’ para porem termo aos abusos diários com essas vítimas do trabalho. Pelo direito iremos ao sacrifício”.⁵¹ A campanha foi conduzida por um colaborador que assinava sob o pseudônimo de “um revolucionário”.

Ao lado da Votorantim, a Fábrica Nossa Senhora da Ponte figurava também entre as mais abordadas pela folha. A figura do gerente, Júlio Cugnasca, era o principal nome visado. Esse era acusado por sua violência e imoralidade no tratamento dos funcionários⁵², foi chamado de “bandido” e de “tirano” diversas vezes pelo jornal e em uma ocasião proclamaram: “as nossas reclamações são justas e sinceras e não admitimos réplica, porque julgamos que o sr. Cugnasca não tem competência para discutir conosco”.⁵³

Essa campanha foi a mais longa na qual o jornal se envolveu. Começou na edição de número 5, e se estendeu até a 100, de 18 de setembro de 1912, quando houve a demissão do gerente. Nessa ocasião o veículo finaliza a situação em tom de ameaça:

V.S. em Sorocaba, d’ora avante só tem a perder, a vossa permanência n’esta terra é a promessa das maiores rebeldias no futuro. O operariado sorocabano, tem em V.S. um verdadeiro algoz, ele quer o quanto antes livrar-se das suas ‘mimosas’ garras’ (...). Por que não abandona esta terra? ⁵⁴

Embora essas tenham sido as denunciadas com mais frequência, outras indústrias de Sorocaba também figuravam nas páginas de “O Operário”, por exemplo a Santa Maria, com os “horrores” impostos pelo “famigerado

⁵⁰ **Votorantim.** O Operário, Sorocaba, 21-07-1912.

⁵¹ **Votorantim.** O Operário, Sorocaba, 18-07-1912.

⁵² Esse tipo de denúncia pode ser encontrada, por exemplo, nos textos **Violências do Gerente.** O Operário, Sorocaba, 25-09-1909, **Immoralidades do gerente.** O Operário, Sorocaba, 24-10-1909 e **Ainda proezas da fábrica Fonseca.** O Operário, Sorocaba, 12-12-1909.

⁵³ **Fábrica Fonseca.** O Operário, Sorocaba, 25-12-1910.

⁵⁴ **Um tyrano deposto- Um conselho ao snr. Julio Cugnasca.** O Operário, Sorocaba, 18-09-1911.

Fletcher”⁵⁵. Nesse artigo, reiteram sua batalha contra os abusos: “chamem-nos embora de loucos, de estúpidos, malcriados etc., pouco nos incomodamos, o que queremos e havemos de levar a efeito, custe o que custar é a garantia do operário no desempenho de suas funções”. E apelam aos patrões: “sejam mais condescendentes, tenham pena dos que sofrem, não sejam tão malvados a ponto de arrancar do pobre operário, do seu salário minguido, uma quantia que lhes faz falta e que para vós nada adianta”.

Além das indústrias, em algumas ocasiões a situação dos funcionários da Estrada de Ferro Sorocabana também é abordada, normalmente pelos baixos salários e acidentes de trabalho. Em agosto de 1910, por exemplo, essas condições são abordadas, dizendo que além de serem mal pagos, ainda “são torpemente explorados por homens inconscientes e de baixos sentimentos”⁵⁶, e completa: “O pobre trabalhador na sua ignorante simplicidade curva-se medroso ante o grito inconsciente dos brutos”.

Dar voz às denúncias dos trabalhadores sempre foi uma das maiores motivações do jornal, e isso fica claro em diversos momentos. Em fevereiro de 1910 foi publicado um artigo que ilustra essa intenção:

Às vezes, quando trazemos à publicidade alguns artigos contra esses funcionários de fabricas, que, tendo sob as suas ordens uma meia dúzia de operários julgam-se senhores soberanos, absolutos de sua vontade, praticando toda a sorte de tiranias, dignas só dessas pessoas reles, pessoas que não se prezam, somos imediatamente apelidados de caluniadores, bandidos, inconscientes etc. etc. quando bem conscienciosos somos, porque só propugnamos os nossos direitos, os direitos dos operários que estão sujeitos às leis rigorosas do trabalho.⁵⁷

Apesar das denúncias e as críticas à atitude dos patrões e gerências, podemos dizer que a atividade industrial era vista como a promotora do desenvolvimento da cidade, e o setor, em si, não é alvo de críticas. Essa perspectiva fica

⁵⁵ **Os horrores da “Santa Maria”.** O Operário, Sorocaba, 18-12-1910

⁵⁶ **Pelas Estradas de Ferro.** O Operário, Sorocaba, 14-08-1910.

⁵⁷ **Reclamações.** O Operário, Sorocaba, 27-02-1910

bastante clara em artigo sobre a fábrica Fonseca, a mais antiga de tecidos da cidade, “importante para o progresso industrial da nossa terra”

Todos sabem perfeitamente que a vida de Sorocaba tem seus alicerces na indústria manufatureira de que muito se orgulham os seus filhos, aliás, com razão, porque nenhuma outra cidade do sul, do norte e mesmo do oeste do Estado tem atingido um desenvolvimento industrial tão considerável como seja a nossa terra, por isso, teremos imenso prazer que as fábricas existentes vão aumentando dia a dia, e que muitas outras ainda se construam aqui.⁵⁸

Essa mesma relação dúbia podemos observar em “O Baurú” em relação à Noroeste do Brasil. Há uma exaltação dos benefícios trazidos pela linha à cidade e à região, mas ao mesmo tempo, o jornal promovia uma visão crítica em relação à atitude mantida pela direção com os trabalhadores.

É interessante observar que ao mesmo tempo em que a Noroeste foi responsável pelo desenvolvimento dessas cidades e por levar a “civilização” às regiões ainda esquecidas do estado, também promoveu a morte de inúmeros trabalhadores atraídos à região pelo trabalho em sua construção. Esses precisaram conviver com o isolamento dos sertões, condições precárias de higiene e trabalho, doenças, conflitos com os indígenas e violência. E esse discurso era encontrado no veículo. No jornal eram frequentemente noticiadas mortes de trabalhadores por esses fatores, principalmente no que diz respeito às chamadas “doenças do sertão” e aos acidentes de trabalho, necessariamente por falta de proteção e segurança na construção das linhas.

Outro aspecto presente no jornal é a denúncia do estado de abandono em que eram deixados os trabalhadores da Companhia que adoeciam e a total falta de assistência por parte da Noroeste. Em uma matéria relatam que diariamente se encontravam abaixo do barracão da Empresa cerca de trinta funcionários que, doentes, haviam sido despedidos de suas funções e eram obrigados a pedir esmolas para sobreviver. “Os desgraçados que ontem trabalharam para um progresso do nosso estado, hoje são obrigados a morrer, se não de doença, de

⁵⁸ **Fábrica Fonseca.** O Operário, Sorocaba, 19-02-1911.

miséria”⁵⁹, afirma o jornal. Em outra matéria comentam “Bauru que é o espelho do progresso do interior do nosso Estado, está cheio de infelizes que, doentes e abatidos, de porta em porta choram a esmola de um pedaço de pão”⁶⁰. Chegam a acusar a Companhia de estar enviando funcionários doentes para o Paraguai⁶¹ e de realizar enterros à noite para esconder o número crescente de mortos⁶².

As críticas à negligência da empresa com seus trabalhadores, entretanto, só estamparam as páginas do jornal com frequência até o ano de 1911.

4.3.3. União de classe

A união entre os trabalhadores era outro assunto tratado a fundo em “O Operário”. Em “O Baurú” esse não foi um tema abordado com tanto profundidade quanto no órgão sorocabano e não eram publicados textos específicos relativos ao tema, sendo abordado apenas indiretamente em textos sobre outros assuntos, como os do Dia do Trabalhador, por exemplo, e por isso não serão explorados neste item.

Já em “O Operário”, no intuito claro de conduzir o operariado à luta, a ação conjunta e a solidariedade eram pregadas como a primeira e principal atitude esperada dos operários e foram publicados diversos textos especificamente sobre a união. Esse material explicitava a ideia de que todos deveriam aderir ao movimento e, só assim, atingiriam as metas, benéficas a todos. Logo na edição quatro, esse objetivo é exposto, quando fazem um apelo para que operários:

“se reúnam, que se congreguem, que procurem, por todos os meios, unirem-se para terem vontade, para terem direitos, para podermos com a força das

⁵⁹ **ESMOLAS.** O Baurú. Bauru, 13-02-1910

⁶⁰ **Sempre...** O Baurú. Bauru, 01-05 1910.

⁶¹ **Noroeste.** O Baurú. Bauru, 13-02-1910.

⁶² **É possível.** O Baurú. Bauru, 28-03-1910

nossas convicções congregadas, coesas, representando um todo homogêneo, podermos reclamar aquilo que nos for devido”.⁶³

Essas mensagens, normalmente, estavam alinhadas à ideia de luta contra a burguesia e as imposições. É o caso do artigo “Effeictos de coletividade”, que os chama à união: “unamo-nos para na doutrina da liberdade romper o manto obscuro que a aristocracia na frente nos vem estendendo”.⁶⁴ Pregavam, também, a solidariedade independente de nacionalidade, mas da classe como um todo, na tendência de internacionalização da luta, característica comum ao anarquismo. Em “Um pouco mais” é indagado: “Dizem-nos que a pátria é a comunidade de interesses gerais, mas entre quem? (...) são chamados a defendê-la e não sabem porque, defendem na verdade interesses dos burgueses, dos governos”.⁶⁵

Da mesma forma como a união é um tema primordial, a falta dela também é abordada com frequência, em algumas matérias em tom de compreensão, em outras de repreensão a essa atitude dos trabalhadores. O trecho a seguir é um exemplo das ocasiões em que a falta de ação conjunta é tratada como justificável, dada a condição de ignorância do operariado:

Bela e majestosa a fisionomia do operário que sorri fingidamente a fim de que o seu regulo não desconfie que o seja seu inimigo! Quantas torpezas não lhe invade a alma! Quanto ódio à inquisição que lhe atormenta! O seu corpo cansado, devido as horas exageradas do trabalho, adquire moléstias que se tornam graves! Essa vítima que moureja dia a dia, no entender dos poderosos, não precisa de horário! Não precisa de horas para educar os seus filhos (...). O operário que se faz hipócrita diante do inquisidor, mercê o nosso sentimento, a nossa compaixão, pelo fato de ser uma vítima inconsciente!⁶⁶

A maior parte das vezes, entretanto, o jornal critica a atitude dos trabalhadores que não se solidarizam à causa. Em “A culpa é nossa” coloca que os maiores responsáveis pelos abusos não são os capitalistas, mas “os falsos companheiros, são os adutores, são a cáfila de bandidos, que para a ruína,

⁶³ **Companheiros.** O Operário, Sorocaba, 12-09-1909.

⁶⁴ **Effeictos de coletividade.** O Operário, Sorocaba, 21-08-1910.

⁶⁵ **Um pouco mais.** O Operário, Sorocaba, 19-02-1911.

⁶⁶ **Manifestação Operária- O trabalhador.** O Operário, Sorocaba, 17-10-1909.

para a desgraça completa da classe, pululam como vermes nojentos deixando a baba pestilenta por onde passam”.⁶⁷

Em outra ocasião, em relação à falta de união durante greve na Votorantim, lamentam a existência “desses falsos colegas de trabalho, que desgraçadamente possuem o nome de amigo, quando são uns verdadeiros ursos personificados”⁶⁸, e completam dizendo que esses deveriam sentir remorso pelas famílias que ficaram desamparadas.

Em artigo sobre a certeza em seguir lutando “sem trégua para derrubar essa classe que nos afoga e oprime”, o colaborador Rivier dispara contra os trabalhadores sorocabanos, classificando-os como “a suprema vergonha do mundo inteiro”.⁶⁹

4.3.4. Instrução

Dentro da visão do conhecimento racional como libertador do homem, “O Operário” conduzia forte campanha para que os trabalhadores buscassem a instrução e para que houvesse o incentivo para criação de escolas, para crianças e adultos, homens e mulheres. A filosofia da Escola Moderna do espanhol Francisco Ferrer, de ensino racional e científico, afastado, principalmente, de correntes religiosas, também foi amplamente defendida pelo jornal.

O aprendizado é visto como um instrumento de libertação para o operariado do regime que lhes é imposto, de baixos salários, horas excessivas de trabalho, entre outras condições penosas. Por exemplo, ao abordar a tristeza do trabalho infantil, aconselham os pais a zelarem por seus filhos e lhes incentivarem a se manter nos estudos, já que “mandar ensinar uma criança é a obra mais santa que podemos praticar na nossa vida. (...)”.⁷⁰ Em outro artigo é dado um conselho às mães: “Ensinai, pois, mães, os vossos filhinhos, mandai-os para a

⁶⁷ **A culpa é nossa.** O Operário, Sorocaba, 24-07-1910.

⁶⁸ **Collaboração – carta assinada por “uma operária”.** O Operário, Sorocaba, 03-12-1911.

⁶⁹ **Não posso calar.** O Operário, Sorocaba, 02-06-1912.

⁷⁰ **A infância operária em Sorocaba.** O Operário, Sorocaba, 24-07-1910.

escola, afastai-os desses terríveis sanguessugas que se chama industriais, para que mais tarde possais ver em vossos filhos um cidadão ativo, instruído”.⁷¹

O mesmo conselho é dado aos adultos, em tom de motivação: “Não desanimeis, pois! Dos vossos livros não despregueis os olhos, não, que um dia- um dia de luz- vós encontrareis o eficaz remédio, dando alívio a essa dor aguda, irresistível de que a muitos sofreis”.⁷² Em outro texto fica bem clara a relação direta feita pelo veículo entre falta de estudo, ignorância e exploração, salientando as diferenças sociais entre pobres e ricos:

O meu suor derramado nas milhares de dúzias de móveis, deu para o patrão encher suas burras e fazer dos filhos, um médico o outro professor, que passam por mim no apogeu da moda sem pensarem que foram meus frágeis braços que os fez assim, homem de pergaminhos, enquanto eu, na lida perpétua de operário ignorante.⁷³

A importância do ensino às mulheres também era abordada, com a ideia de que essa deveria receber o mesmo tratamento dado aos homens em relação à educação⁷⁴. Em uma edição é afirmado:

“As mulheres do Brasil, cheias da mais brilhante imaginação, ricas de talento e vivacidade, não podem saciar essas faculdades no deleite de uma instrução variada que lhes sustentasse a alma ambiciosa de progresso. (...) O lugar que a mulher ocupa no Brasil é inferior ao seu merecimento, é indigno”.⁷⁵

Da mesma forma, eram noticiadas reuniões, organizações e palestras em Sociedades e na União Operária na cidade, que, frequentemente, vinham com o tema: “Instrução e Liberdade”, sempre com elogios às iniciativas e incentivos para que leitores as frequentassem. O papel da imprensa no processo de instrução do operariado era frequentemente reiterado, tratada como disseminadora de ideias a um público que, talvez, se não fosse pelos jornais,

⁷¹ **Às mães operárias.** O Operário, Sorocaba, 31-12-1912.

⁷² **Aos operários.** O Operário, Sorocaba, 28-08-1910.

⁷³ **É ISSO....** O Operário, Sorocaba, 01-05-1911

⁷⁴ No restante dos assuntos jornal mantém visão relativamente conservadora em relação à mulher, mas esse assunto não será abordado por essa pesquisa por falta de instrumentos teóricos para essa análise e por não ser a proposta do projeto.

⁷⁵ **As nossas mulheres V.** O Operário, Sorocaba, 10-03-1912.

nunca teriam contato com determinadas temáticas. Em “A imprensa” essa ideia fica clara: “sem dúvida que, sem a imprensa, a instrução seria apanágio de poucos, povo jazeria na ignorância, e, sem a instrução do povo, todo o progresso de uma nação é fictício”.⁷⁶

Em outro texto a questão financeira vem à tona:

Num país onde a exiguidade dos salários inibe o operário de levantar do seu orçamento qualquer soma para a compra de livros, prefere-se e está indicada a leitura a dez réis por dia. Os diários poderiam, pela quantidade de leitores de que dispõem, prestar à educação assinalados progressos, não esquecendo que o educador moderno deve possuir uma soma enorme de conhecimento em moral, ciência e sociologia, para estar apto a exercer na sociedade um lugar de eleição e respeito.⁷⁷

Em suma, a junção entre os aspectos instrução e união era pregada pelo jornal como o ponto de partida para a mudança que esperavam fazer. Os diversos colaboradores apresentavam uma visão distinta sobre os métodos de ação mais adequados e eficazes, mas era um consenso que essas duas iniciativas eram fundamentais para o prosseguimento da luta. “Teremos chegado” marca essa perspectiva: “não é só necessário que sejamos fortes pela união, não, é também necessário que o sejamos intelectualmente, pois nisto se firma a evolução, a compreensão e a análise, que nos encaminhará na razão direta das nossas aspirações”.⁷⁸

Até pelo perfil mais factual de “O Baurú”, nele o tema da instrução era abordado sob uma perspectiva mais prática, principalmente, a partir da necessidade de criação de escolas na cidade. Ele defendia o ensino para ambos os gêneros, e a instalação de escolas noturnas, para permitir o ensino aos que tivessem que trabalhar durante o dia, cedia, também, espaço nas páginas do jornal para publicação das notas dos exames finais dos alunos, anúncios de eventos escolares, e não perdia a oportunidade de elogiar os que levavam a sério a educação.

⁷⁶ **A imprensa.** O Operário, Sorocaba, 15-10-1911.

⁷⁷ **Propaganda.** O Operário, Sorocaba, 11-02-1912.

⁷⁸ **Teremos chegado?** O Operário, Sorocaba, 13-05-1911.

Em 1908, travou importante luta contestando a falta de escolas e prédios para atender às existentes. Comentava que o número de escolas era deficiente em relação ao aumento populacional, e que o governo municipal deveria se articular ao estadual para sanar esse problema.⁷⁹ O jornal coloca que o “progresso depende da instrução popular”, e que essa deve ser “gratuita e obrigatória”.

O professor Arimathéa Machado, colaborador assíduo do jornal, era um dos que mais abordava o tema e em maior de 1909 afirmou:

A instrução é o farol que nos guia para os grandes empreendimentos (...). Uma luta trava-se no seio da sociedade e o mais aperfeiçoado, influenciado pelos princípios mais adiantados que recebeu no lar paterno, nas escolas ou no convívio superior, subjuga o fraco, fazendo deste seu verdadeiro escravo. É de urgente necessidade instruir-nos, o homem que não tem a instrução não pode conhecer os seus direitos.⁸⁰

Participou também da campanha para criação do grupo escolar, que começou a ser construído em 1911. Entretanto, a abordagem dada à instrução em “O Baurú” não tinha o mesmo caráter de mobilização apresentado por “O Operário”, preocupando-se, realmente, com as medidas práticas. Ambos os jornais tratavam a questão do ensino racional sob a ótica racional e moderna, tema esse que será abordado com mais profundidade no tópico “Cientificismo e Anticlericalismo”, de “Perfis Ideológicos”.

4.3.5. Comportamento

Muitos mais do que apenas levar os operários à ação, esses jornais apresentavam preocupação em incentivar ou prevenir determinados comportamentos, considerados adequados ou não à luta que pretendem travar por seus direitos. Essa perspectiva condiz com a ideia de “comportamento ascético”, defendida pelos anarquistas (FAUSTO, 1976).

⁷⁹ **Pela Instrução.** O Baurú, 23-02-1908.

⁸⁰ **Instrução pública.** O Baurú, 15-05-1909.

Tanto em “O Baurú” como em “O Operário” a preocupação com a inibição de comportamentos “imorais” era uma tônica: o jogo, o álcool e a preguiça para o trabalho, caracterizada por “O Baurú” como “a vagabundagem”, eram os temas mais tocados. Esse tipo de abordagem foi comum durante toda a existência dos jornais sempre enfatizando o esvaziamento da essência humana trazida por essas práticas e os prejuízos ocasionados às famílias.

Em “O Baurú” a linguagem empregada nesse sentido era carregada de ironia e expressões pejorativas. Na edição de 5 de setembro de 1909, uma nota denominada “Amisade é... garrafa” conta como uma mulher se machucou com uma garrafada acidental quando ela e a amiga “avançaram num trago da branquinha”, ambas foram parar na cadeia. Uma delas é retratada como assídua frequentadora do posto policial. Em outro texto, de maio de 1907, na seção humorística “Semana Rindo”, é elogiada a política da polícia bauruense, que tem adotado “medidas severas” no intuito de corrigir atitudes do “mulherio de má nota”, que estavam “destoando do adiantamento da localidade”, “mais vale tarde do que nunca”⁸¹, completam.

Na metade de 1909 encontramos uma série de artigos e notas que fazem referência à política de exclusão e “limpeza urbana”, ou seja, da eliminação e inibição das condutas que não correspondem aos padrões esperados. Em edição de 25 de julho, em artigo denominado “Convento” o jornal publica reclamações dos moradores da Rua Jorge Tibiriça de que frequentemente o “pessoal de vestido vermelho” promove “algazarras” devido à “constante beberagem da água que passarinho não bebe”. Na edição seguinte a defesa dessa política fica clara: “o sr. Delegado já há dias começou uma bela limpeza para obter boa ordem, portanto, esperamos certos que continuará na sua árdua tarefa”.⁸² No dia 8 de agosto, é declarado que a polícia andava “à caça do pessoal vagabundo”.⁸³

⁸¹ Na edição do dia 18 de agosto de 1907, são criticadas as “casas” que ficam abertas até altas horas e não tem respeito com os moradores, promovendo a desordem. No dia 31 de outubro de 1909, é declarado que “Bauru não passa um dia sem que embriagados promovam a desordem”.

⁸² **Ao Sr. Delegado de polícia.** O Baurú. Bauru, 01-08-1909

⁸³ **Os taes.** O Baurú. Bauru, 08-08-1909.

A campanha contra o jogo foi uma das mais duradouras no jornal. Esse era retratado como a degradação moral do homem, um destruidor de famílias, inimigo do trabalho e da honestidade. A prática foi criticada durante praticamente toda a existência do veículo. Em várias edições foram publicados longos textos sobre o assunto, e era frequentemente cobrado que as autoridades policiais tomassem medidas para o seu combate, inclusive criticando políticos e delegados por deixarem a fiscalização em segundo plano. Essas críticas, intensas e persistentes, denunciaram, inclusive, o envolvimento de personagens importantes no município, como industriais e políticos, que segundo o jornal, ganhavam com a atividade.

Em uma matéria de 1912 criticam banqueiros que vieram ao jornal pedir ajuda para combater o jogo do bicho dizendo que esses só estavam tentando se livrar da concorrência.⁸⁴ Em outro texto colocam que “vagabundagem de gravata lavada” estava se proliferando e criticam indiferença da polícia: “Se o delegado conseguir agir com imparcialidade e não distinguir o doutor do trabalhador, casados e solteiros.. Se essa campanha for pra frente podemos nos gabar de ter um delegado enérgico e correto”.⁸⁵

Uma diferença interessante em relação aos dois veículos é que “O Baurú” denunciava esses problemas e esperava que a polícia ou outras autoridades competentes tomassem providências em relação, punindo e inibindo esses atos. Em “O Operário” a perspectiva era outra: criar a consciência nos próprios leitores para que deixassem esses vícios considerados nocivos. Isso inclusive se relaciona ao fato de a polícia no jornal quase sempre ser retratada como “inimiga”, noticiada, normalmente, como promotora de prisões injustas.

Em artigo denominado “Jogo – Preguiça – Álcool” o jornal declara que:

Eis a horrível trindade que tanto dano causa a humanidade. (...) São monstros que não respeitam a cândida criança, nem a frágil mulher (...) são plantas daninhas, essa horrorosa trindade definha e mata a doce e encantadora alegria

⁸⁴ **O BICHO.** O Baurú. Bauru, 03-03 1912

⁸⁵ **Campanha necessária.** O Baurú, Bauru, 24-03 1912.

dum lar. (...) o homem que joga é ocioso e o bêbado é um desgraçado que se reduziu ao triste estado d'um irracional.⁸⁶

Em outro é dito que “de todas as calamidades sociais, é, talvez, o alcoolismo a que mais desastrosamente influi para a degeneração da raça”.⁸⁷ Na continuação seguinte, dá uma série de conselhos aos adultos, como os males que o álcool causa à gestação e que pode ser transmitido durante amamentação. Censura também homens, chamados de “ignorantes”, que levam seus filhos às tavernas.⁸⁸

4.4. Perfis ideológicos

O conceito de aproximações defendido por Péres (2004) e trabalhado a partir do periódico anticlerical paulistano “A Lanterna”, é bastante válido para a análise da dinâmica de funcionamento e seleção de conteúdos em “O Baurú” e “O Operário”. O autor defende que, para seu fortalecimento e manutenção, os veículos pertencentes à imprensa operária, e mais especificamente, de viés anarquista, se utilizaram do recurso das alianças entre grupos sociais de pensamentos distintos, mas que se relacionam ao ideal libertário. Essa visão é muito esclarecedora nos jornais, visto que apesar de haver um “fio condutor”, a heterogeneidade de opiniões é uma característica marcante nessas publicações e fica clara a presença de redatores com perspectivas ideológicas distintas.

No jornal sorocabano, a utilização de colaboradores é uma tônica, e diferentes visões se mesclavam no veículo, muitas vezes de forma contraditória. O que regia a linha ideologia no jornal era a defesa dos operários e de seus direitos, em relação ao modo de ação ou ideologia, entretanto, não havia homogeneidade. Cada colaborador escrevia de acordo com as suas próprias concepções, experiências e conhecimentos.

⁸⁶ **Jogo- Preguiça- Álcool** . O Operário, Sorocaba, 19-06-1910.

⁸⁷ **O alcoolismo na infância**. O Operário, Sorocaba, 22-10-1911.

⁸⁸ **O alcoolismo na infância**. O Operário, Sorocaba, 29-10-1911.

Apesar da diversidade de pensamentos é possível identificar que o veículo surgiu com uma proposta pouco revolucionária, e muito mais reformista. Os artigos iniciais defendiam a ideia de busca por melhorias de trabalho, mas se atentavam sempre em esclarecer sua censura às greves e aos mecanismos de ação direta em geral, defendendo o diálogo e ação conjunta com os patrões e o Estado, dentro da ordem e das leis, apesar das frequentes denúncias aos abusos promovidos pelas diretorias das fábricas.

Era frequentemente reiterado que foi criado para denunciar injustiças e não incitar manifestações. Nessa fase inicial, o foco principal era a luta por direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho. Apresentava, inclusive, um perfil menos combativo que “O Baurú” se comparado ao mesmo período. Logo na edição de número 2, isso fica bastante claro, quando descrevem a atitude esperada do operariado sorocabano:

unido, forte, tendo uma ideia, batendo-se por um direito. Queremo-lo, porém, respeitador da ordem e parte integrante do nosso progresso. O operário deve obediência ao patrão, deve cumprir os seus deveres, desempenhar, na medida de suas forças, o emprego que lhe foi confiado, mas essa obediência deve ser altiva porque o operário em um cidadão livre (...). Uni-vos operários e procurai reaver os vossos direitos. Fazei-o porem dentro da ordem.⁸⁹

O mesmo se percebe no artigo “Aos senhores patrões”, que deixa transparecer o desejo do jornal de pregar o diálogo com os superiores: “não desejamos que os senhores patrões fechem os seus estabelecimentos, não, mas sim que nos concedam menos horas de trabalho, remuneração favorável e, finalmente, a nossa sempre sonhada liberdade de pensamento”.⁹⁰

Em outra ocasião, um colaborador, que assinava como “L.L.L.”, tece forte crítica à greve na cidade: “o CABEÇA de tudo, em primeiro lugar é um ignorante, é um vivente que só conhece o trabalho duro e excessivo, por conseguinte não pode instruir seus colegas, e pô-los no caminho do dever (...). Tudo se arranja com a calma, e nada se arranja mediante bala e ferro frio”.⁹¹

⁸⁹ **Aos Operários.** O Operário, Sorocaba, 02-08-1909.

⁹⁰ **Aos senhores patrões.** O Operário, Sorocaba, 02-10-1910.

⁹¹ **Desunião.** O Operário, Sorocaba, 03-04-1910.

Afirmam, ainda, que não pregam “por o mundo abaixo”, mas promover a união.⁹²

Outro aspecto interessante em relação ao jornal é que, nessa fase, apesar de reprovar métodos de ação direta, como greves, nenhum outro mecanismo é proposto de forma clara como alternativa. É o caso, por exemplo, do texto “A culpa é nossa” no qual, além de se defender a importância da instrução, os operários são desaconselhados a seguir formas extremas de luta: “As greves, as rebeliões não dão resultado algum, não aconselhamos, portanto, os nossos companheiros a praticar desses atos. A luta deve existir, mas de uma maneira branda, suave, quase imperceptível”.⁹³

Essa visão variava um pouco, mesmo no período inicial, necessariamente pelo fato de colaboradores diversos participarem de sua produção, muitas vezes com opiniões diversas. A primeira vez que se fez menção à revolução, por exemplo, foi em 1910, quando se é afirmado: “só a teremos no dia em que houver uma revolta completa e ela receber o batismo de sangue”.⁹⁴

Com o passar do tempo, entretanto, o veículo assume um tom mais determinado em relação às mudanças necessárias nas relações sociais entre operários e patrões e se torna, gradativamente, mais revolucionário, apresentando artigos mais maduros e decididos ideologicamente. A linguagem se torna mais agressiva e os métodos de ação direta, antes reprovados, passam a ser incentivados por um número crescente de artigos.

O primeiro texto realmente favorável à greve apareceu no jornal em setembro de 1910, e era extraído do “Rio Claro”, nele é afirmado que para alcançar seus direitos legítimos o operário necessita criar condições de negociar com o patrão de “igual para igual” e a única forma de se colocar nessa circunstância, de “relativa igualdade”, seria por meio da greve. E completa:

No dia em que o operariado sentir palpavelmente a quantidade que diariamente é roubada ao seu salário real, e comparar este desfalque com o que ele

⁹² “**A origem do mal**”. O Operário, Sorocaba, 30-10-1910.

⁹³ “**A culpa é nossa**”. O Operário, Sorocaba, 24-07-1910.

⁹⁴ “**8 horas de trabalho**”. O Operário, Sorocaba, 05-06-1910.

deveria receber como remuneração pelo seu trabalho executado, então será inevitável a violência com que se há de impor ao capital, não encontrando barreiras as exigências de sua vontade.⁹⁵

Outro bom exemplo nessa mudança de perfil em “O Operário” se vê no texto “Contra a vontade burguesa”, publicado já em setembro de 1912:

Companheiros, decididamente marchamos a passos gigantes para a grande revolução. As perseguições policiais, a negação de todo o nosso direito e a miséria que invade nossos lares, está produzindo uma grande comoção entre todas as massas dos operários de diversas nacionalidades (...), se sente o despertar do povo, se colabora e se fomenta um novo mundo⁹⁶

A defesa de alguma forma de aliança ou mesmo confiança no Estado foi aos poucos sendo contestada por alguns colaboradores do jornal. Em artigo denominado “Votorantim”, ele é definido como “injusto e imoral”, um “poder artificial composto de meia dúzia de indivíduos”, e defende que:

“Hoje nenhum homem consciente desconhece que o Estado nunca foi e nunca poderá ser o órgão do bem geral e das conveniências de todos os cidadãos porque a longa experiência tem demonstrado que o Estado tem sido sempre exclusivamente o defensor dum grupo que desfruta as vantagens e a supremacia da riqueza adquirida”.⁹⁷

Na edição seguinte, é definido como “arma da burguesia”, e determinado que sociedade está dividida em duas classes: “uma que explora, outra que é explorada, uma que vive sem trabalhar, outra que precisa trabalhar para viver, forma a luta permanente, determinada pelo antagonismo de interesses”.⁹⁸ Continua afirmando que assim como a monarquia, a república está fadada a ficar para a história.

A política também é caracterizada como “megera” e como causadora da desorganização das classes operárias. Em seguida é aconselhado: deveis mesmo mostrar o vosso descaso pelos governos, apartando-vos da política e

⁹⁵ **Greve.** O Operário, Sorocaba, 18-09-1910.

⁹⁶ **Contra a vontade burguesa.** O Operário, Sorocaba, 22-09-1912.

⁹⁷ **Votorantim.** O Operário, Sorocaba, 14-04-1912.

⁹⁸ **Pelo Campo do Direito.** O Operário, Sorocaba, 21-04-1912.

afastando do vosso meio os politiquieiros (...) único meio a por em prática é a ação direta”.⁹⁹

Em outros artigos é defendido que “a evolução marcha acelerada para a grande revolução social”¹⁰⁰, que “a hora da próxima revolução já começa a ser anunciada”¹⁰¹ e que “os ricos tudo terão que perder e a sua iniquidade a pagarão com vida”.¹⁰²

Como exemplo da falta de diretriz ideológica, podemos citar a presença de colaboradores como Augusto da Fonseca e Rivier, como alguns dos articulistas mais radicais, defensores da ação direta por parte dos trabalhadores. Outros, entretanto, pouco falam sobre métodos de ação, e se preocupam mais com denunciar as injustiças, sugerindo também que haja diferentes graus de instrução ente eles.

Essa heterogeneidade, que será trabalhada com mais detalhamento adiante, é uma características marcante na imprensa operária do período, pois como afirma Ferreira (1978) não existia a figura do repórter e os conteúdos eram selecionados de acordo com as perspectivas pessoais dos redatores. Da mesma forma, esse período antecede ao da profissionalização da profissão e o conceito de linha editorial era praticamente inexistente. Outro aspecto a ser observado é que a própria pluralidade de opiniões e visões práticas sobre a luta é um fator importante na caracterização das manifestações de trabalhadores no país em geral.

Em “O Operário”, pode-se observar, portanto, a presença de socialistas, anarquistas, reformistas, sindicalistas, cientificistas e anticlericais como os principais grupos de atuação conjunta, participantes na construção do conteúdo publicado.

Já “O Baurú” foi um jornal de longa duração, e o período em questão, analisado por esta pesquisa (1909 -1913) foi, necessariamente, o momento em que

⁹⁹ **O que se Campo do Direito.** O Operário, Sorocaba, 21-04-1912.

⁹⁹ **O que se faz necessário IV.** O Operário, Sorocaba, 19-11-1911.

¹⁰⁰ **Com a Câmara Municipal.** O Operário, Sorocaba, 27-10-1912.

¹⁰¹ **O dia de amanhã.** O Operário, Sorocaba, 03-11-1912.

¹⁰² **O dia de amanhã.** O Operário, Sorocaba, 03-11-1912.

apresentou o seu perfil mais revolucionário e favorável às manifestações operárias. Nele, por não se tratar de um jornal segmentado, a discussão sobre correntes ideológicas não era o foco principal, mas por meio dos critérios de seleção das notícias publicadas fica claro o posicionamento favorável à defesa dos direitos dos trabalhadores.

Da mesma maneira, observamos a articulação de diversas ideias que pairavam sobre o movimento operário do período, como o livre pensamento, o racionalismo, o positivismo e o anticlericalismo, por exemplo. É relevante também a presença de longos textos em defesa do 1º de maio, os ataques ao assassinato de Francisco Ferrer, os frequentes anúncios de reuniões operárias, de oradores e comícios de livre-pensamento na cidade, as denúncias frequentes da situação de penúrias dos trabalhadores da Noroeste do Brasil, a defesa de suas reivindicações, entre outros aspectos do jornal que deixam clara sua tendência favorável ao movimento operário nesse período.

Entre os grupos sociais influentes em “O Baurú” devemos citar também a maçonaria, que figurava frequentemente entre as notícias do jornal, principalmente, por meio de informes sobre eventos, ações beneficentes, assembleias, mudanças na diretoria e afins. O diretor do jornal, Almerindo Cardarelli, tinha forte envolvimento com a maçonaria, assim como com as sociedades de apoio mútuo. Neste último caso, a ligação direta com a Sociedade Italiana Dante Alighieri se destaca, visto que chegou a ser o diretor da mesma. A defesa dos imigrantes, principalmente italianos, também esteve presente no jornal, mesmo que sutilmente, inclusive por meio de textos publicados inteiramente em italiano.

Nos subitens a seguir focaremos na articulação de ideias como socialismo, anarquismo, reformismo, sindicalismo, livre pensamento, cientificismo e anticlericalismo nos veículos. O enfoque será dado, principalmente, em “O Operário”, no qual as discussões diretas sobre esses temas eram mais frequentes. Em “O Baurú”, por outro lado, a presença dessas perspectivas se dava de forma sutil, com exceção do cientificismo e anticlericalismo, que eram bandeiras declaradas do jornal.

4.4.1. Socialismo, anarquismo e reformismo: divergências ideológicas

Como já foi abordado, nos jornais as correntes ideológicas são trabalhadas de maneira desigual, quase aleatória, cada colaborador de acordo com seu próprio repertório e crenças. É comum à imprensa operária da época, entretanto, esse tipo de mescla, quase incoerente, de perspectivas.

Esse é um fator mais facilmente perceptível em “O Operário”. Augusto da Fonseca foi um dos grandes defensores do socialismo no veículo. Em junho de 1910, publicou o artigo “Sejamos socialistas”, no qual afirma necessitarem de “um grito de revolta”, e que antes da chegada do dia liberdade precisarão “assistir ao entrecocar tremendo das velhas instituições, que qual em uma novo termidor lutarão pela conservação própria, mas nada conseguirão porque o germe da derrocada de a mito que lhe vem minando as bases”.¹⁰³ Em artigo escrito para parabenizar o jornal por seu aniversário, se refere ao socialismo como “ideal sublime”¹⁰⁴ e sugere que o veículo funcione como um centro propagador dessa ideia. Mais para frente, afirma que:

Se ser socialista é um sonho eu quero sonhar eternamente. (...) Como não ser socialista quando se está na doce perspectiva de ver descer até nós o burguês? (...) Como não ser socialista quando se está na doce perspectiva de um dia não longe os doces revérberos da ciência refletir-se-ão sobre a humanidade?¹⁰⁵

Em alguns momentos, as perspectivas socialistas e anarquistas se mesclavam em seu discurso, como quando aponta que o anarquismo seria a “essência do socialismo”,¹⁰⁶ ou que o verdadeiro anarquista é socialista, “pois aquele sem esse não pode existir”.¹⁰⁷

Sua visão mais radical lhe rendeu críticas. Em um texto se defende das acusações de “perdido pelo coisa ruim”, dizendo “Não sou pois, como vós julgais, um herege, um apostata ou ateu, não, eu também tenho minha crença,

¹⁰³ **Sejamos socialistas.** O Operário, Sorocaba, 25-06-1910.

¹⁰⁴ **Ainda o dia 18.** O Operário, Sorocaba, 07-08-1910.

¹⁰⁵ **Como não ser socialista.** O Operário, Sorocaba, 22-02-1911.

¹⁰⁶ **Aos Socialistas no Rio.** O Operário, Sorocaba, 04-09-1910.

¹⁰⁷ **Anarchia e Socialismo.** O Operário, Sorocaba, 09-10-1910.

a minha fé e a minha esperança”.¹⁰⁸ Em outubro de 1911, o colaborador foi removido de Sorocaba pela Sorocabana Railway, e afirmam sentir o afastamento do colega de “cérebro iluminado pela luz do talento”¹⁰⁹. Mais tarde volta como redator de “Cartas Paulistas”, que trazia notas sobre fatos ocorridos em São Paulo, sempre relacionados à causa operária.

As incoerências entre as ideias apresentadas no jornal são bastante comuns. O colaborador P.S.O. de Mesquita, de presença duradoura e frequente no jornal, uma vez afirmou: “Não trepidam em taxar-nos de grevistas anarquistas e etc., quando nada disso somos”¹¹⁰, declaração essa que foi diversas vezes desmentidas por outros textos. No artigo de 1º de maio de 1911, é aconselhados aos operários: “Nada de ímpetos revolucionários: a propaganda brutal, consoante do anarquismo só provoca a antipatia dos espíritos bem formados e uma natural reação”.¹¹¹

Em outra ocasião, após diversas defesas das greves como atos legítimos do operariado, na seção “Notas... a vapor” declaram: “somos daqueles que condenam as greves, mas não podemos aturar semelhante arbitrariedade”, se referindo a perseguições promovidas na fábrica Votorantim.¹¹²

Em “O Baurú” esse posicionamento direto sobre correntes ideológicas não era uma discussão forte no jornal, até pelo fato de seu foco principal ser ligado aos fatos da cidade. Sendo assim, podemos entender que as principais ações que mostram sua tendência favorável às manifestações operárias e revelam as características de imprensa anarquista são observadas a partir dos artigos sobre 1º de maio, defesa da Escola Moderna, anticlericalismo e afins. Ainda assim, foram publicados alguns textos mais diretos, como o “Socialismo”, de maio de 1909, que explica seus preceitos.¹¹³ Da mesma maneira eram frequentemente publicados convites para reuniões operárias, reuniões e festas

¹⁰⁸ **A razão dos “razões”.** O Operário, Sorocaba, 27-11-1910.

¹⁰⁹ O Operário, Sorocaba, 01-10-1911.

¹¹⁰ **Aos meus conterrâneos.** O Operário, Sorocaba, 04-06-1911.

¹¹¹ **1º de maio.** O Operário, Sorocaba, 01-05-1911.

¹¹² **Notas... a vapor.** O Operário, Sorocaba, 19-11-1911.

¹¹³ **Socialismo.** O Baurú, Bauru, 01-05-1909.

organizadas pelos círculos socialistas e balancetes do Clube Socialista, por exemplo.

4.4.2. Sindicalismo

Apesar dessas significativas divergências de pensamento em “O Operário”, o sindicalismo parece ser a corrente mais aceita entre os colaboradores, sendo abordada com frequência. Esse parece ser um ponto no qual as diferenças de pensamento passam a ser secundárias, para convergir para um mecanismo possível, eficaz e prático de organização.

Augusto da Fonseca é o primeiro a tratar o assunto com mais profundidade. Ele afirmou que:

O sindicalismo que vem estreitar mais ainda a união de classe é a última fórmula do Socialismo. Unamo-nos, pois, em sindicatos, empreendamos a luta contra a burguesia democrata que nos explora torpemente, e se tanto for necessário façamos como os socialistas na Rússia, passemos da ação calma à violência refreadora dos desejos exploradores dos patrões.¹¹⁴

Em outra edição afirma que o “socialismo está no sindicalismo”.¹¹⁵

Em outros textos é dito que “o papel dos sindicatos é suficientemente grande para satisfazer as aspirações evolucionistas”.¹¹⁶ E que ele “sintetiza perfeitamente a forma de ver da Internacional”, funcionando como a “mais famosa coalizão de trabalhadores contra a burguesia”.¹¹⁷

No final de 1911, o jornal inicia uma forte campanha a favor da sindicalização do operariado. Em um dos artigos da série, “Os sindicatos”,¹¹⁸ o papel do sindicato e os principais pensamentos do jornal ficam explicitados com muita clareza: “A tarefa do sindicato que é primordial e lhe dá o verdadeiro caráter de organismo de combate social é uma tarefa de luta de classe, é de resistência e

¹¹⁴ **O dia de oito horas.** O Operário, Sorocaba, 10-07-1910.

¹¹⁵ **Pelas Fábricas.** O Operário, Sorocaba, 21-08-1910.

¹¹⁶ **Razão de ser do syndicalismo.** O Operário, Sorocaba, 18-09-1911.

¹¹⁷ **Experiência dos factos.** O Operário, Sorocaba, 01-10-1911

¹¹⁸ **Os sindicatos.** O Operário, Sorocaba. Série publicada entre edições 106 (29-10-1911) a 111 (03-12-1911).

de educação”, e prossegue dizendo que houve um tempo em que o mutualismo era mais forte, essa fase, entretanto, foi superada e “é a resistência à exploração capitalista que deve constituir a sua principal preocupação e foi o que aconteceu”.¹¹⁹ Essa perspectiva casa com a exposta por Ferreira (1978) sobre as fases do movimento operário no Brasil e que coloca a fase de resistência como subsequente a do mutualismo.

Em 1911, o método de ação, antes pouco considerado, passa ser mais abordado pelo jornal, que se tornou mais direito em relação às suas ideias do meio para o final de sua existência. Em “Por onde triumpharemos” são discutidas as divergências em relação à ação sindicalista, e afirmam que isso se deve à heterogeneidade do operariado e do movimento operário como um todo:

condições étnicas e geográficas, raças diferentes, religiões diversas, educações atávicas, sistemas de governo, situações das indústrias, excessos de produção, reservas de braços, progressos e retrocessos mentais, os sentimentos filosóficos nem sempre compreendidos, variedade nas condições de vida, excessivamente idealistas uns, positivistas e práticos outros, uns guerreiros, outros pacíficos, laivos de liberdade de um lado, a quase escravidão do outro, formam uma complexidade (...) difícil.¹²⁰

Apesar disso, acreditam que “o princípio sindicalista encontra-se ao alvorecer do século XX perfeitamente estabelecido” e a tática depende de cada contexto.

4.4.3. Cientificismo e Anticlericalismo

Entre os pontos mais universais tanto de “O Operário” quanto de “O Baurú” também se encontra o cientificismo e o anticlericalismo, correntes muito comuns no embasamento dos ideais do movimento operário, ligadas às ideias de pensamento racional e instrução da humanidade, em contraposição ao pensamento dogmático religioso. A defesa da Escola Moderna, proposta por Francisco Ferrer e as contestações à sua morte, promovida pelo governo

¹¹⁹ **Os sindicatos.** O Operário, Sorocaba, 05-11-1911.

¹²⁰ **Por onde triumpharemos.** O Operário, Sorocaba, 05-11-1911.

espanhol, foram presentes nos dois jornais, assim como a promoção do livre pensamento.

Em “O Operário”, o assunto apareceu pela primeira vez na edição 7, e noticiava um comício que seria realizado na cidade em sua homenagem e contra o “governo despótico” de Afonso XIII. Nela era afirmado: “o povo espanhol há de protestar sempre contra essa inquisição e o grito de liberdade soará radiante”.¹²¹ Em outro momento é chamado de “mártir da civilização”¹²².

Eram comuns, também, anúncios de festivais em prol da Escola Moderna e comícios realizados na cidade, por oradores defensores do livre pensamento. No jornal era defendido que esses eram mecanismo que demonstravam “de modo claro e preciso as vantagens do ensinamento único racional, o único verdadeiro, o único digno de ser ministrado aos nossos filhos, para que não sejam amigos de padres e de... confessionários”.¹²³ Na seção “Cartas Paulistas”, o colaborador Augusto da Fonseca demonstra essa perspectiva, dizendo que não triunfariam:

enquanto o homem não conseguir desprender-se do espiritualismo que mata no coração de todo os sentimento de altruísmo, obscurecendo a razão e sufocando a inteligência. Devemos, pois, combater a divindade que nos deprime e a pátria que nos humilha, e assim, teremos também combatido o estúpido capitalismo que nos explora.¹²⁴

Embora em menor intensidade que no bauruense, o tema do anticlericalismo também teve importância no jornal sorocabano, principalmente por meio de alguns colaboradores. É o caso, por exemplo, de Augusto da Fonseca. No texto “Razões”, diz que com razão blasfema contra Deus e a sociedade e completa dizendo que a religião das pessoas deveria ser o amor ao semelhante. Em outra ocasião declara que os operários “Iludidos na fé pelos

¹²¹ **Comício de Protestos.** O Operário, Sorocaba, 17-10-1909.

¹²² **Vai bem.** O Operário, Sorocaba, 24-04-1910.

¹²³ **Oreste Ristori.** O Operário, Sorocaba, 24-04-1910.

¹²⁴ **Cartas Paulistas.** O Operário, Sorocaba, 01-09-1912.

ideais divinos, vivem contaminados pelas claras religiões que mandam a cega obediência aos grandes, aos poderosos”.¹²⁵

O tom assumido é de bastante agressividade em alguns momentos. Em crítica à ação da polícia a favor da vontade dos religiosos, um vigário da cidade é chamado de “parasita”, “que vive de explorar a boa fé dos ignorantes com a taberna e bordel da Igreja, onde expõe a venda a preço fixo: batismo, missas, confissões, casamentos, recomendações aos cadáveres sem alma e tantas outras mentiras da Idade Média”.¹²⁶ Em outro momento é utilizado o termo “clericanalha”.¹²⁷

Um artigo interessante é o que trata da questão do divórcio, em tom favorável. O texto foi escrito por uma colaboradora mulher, que assinava como Elvira. Nele há a defesa do amor livre, da liberdade de escolha e uma crítica ao posicionamento da Igreja:

Não contente essa corja de destruírem o amor livre e levantarem códigos para o afeio e legislações para o poema do beijo, criando leis para a união passional de duas almas complementares que se encontraram e se amaram nos embates da luta, não satisfeitos de cobrirem com seu ridículo anátema todos aqueles que não quiseram sujeitar-se à cena burlesca do registro e de curvarem a cerviz diante da justiça (...)tentam ainda imporem a sua vontade na vida privada dos que se acham divorciado dos seus preconceitos.¹²⁸

Uma observação importante diz respeito ao fato de as críticas se limitavam à Igreja e não à religiosidade. Em vários momentos a figura de Jesus Cristo foi exaltada, chamado de “verdadeiro socialista”,¹²⁹ e de “mártir sublime da liberdade, uma vítima do despotismo de todos os tempos”.¹³⁰ Outro ponto é que, em alguns momentos, essa perspectiva racional foi desmentida, como, por exemplo, no texto “A liberdade e o trabalho”, quem em tom bastante conservador, é declarado: “educar o operário e os seus filhos, dar-lhes a luz bendita da instrução é a obra mais meritória, mais santa que se pode cumpri

¹²⁵ **Esforços.** O Operário, Sorocaba, 20-011-1910.

¹²⁶ **A Polícia sempre ao serviço dos parasitas.** O Operário, Sorocaba, 10-11-1912.

¹²⁷ **A família.** O Operário, Sorocaba, 01-12-1912.

¹²⁸ **O Divórcio – crítica à Igreja.** O Operário, Sorocaba, 27-10-1912.

¹²⁹ **Salve Jesus!.** O Operário, Sorocaba, 24-12-1911.

¹³⁰ **Notas... a Vapor.** O Operário, Sorocaba, 24-12-1911.

aos olhos de Deus. (...) a educação, como o homem, deve ter dois ensinamentos: moral e religioso”.¹³¹

Dentro da mesma visão, comum ao movimento operário do período, de pensamento racional sobre o universo, o “O Baurú” o anticlericalismo e livre pensamento surgem entre as temáticas de maior presença, considerando que o jornal travou uma verdadeira batalha com a Igreja Católica local.

Nele, o assunto também foi noticiado com frequência e com tom bastante agressivo, principalmente após 1910. Nesse ano e nos seguintes observamos fortes críticas ao governo espanhol, à execução de Ferrer e a defesa da Escola Moderna. Seu aniversário de morte é lembrado pelo jornal nos anos seguintes, em 1910, o ato do governo espanhol é classificado como um dos maiores crimes do século XX. Sobre o estudioso é feita a seguinte declaração:

A Espanha abrutecida e subjugada pela enorme massa de frades, freiras e padres, condenada ao obscurantismo pelas vontades imperiosas de governos jesuítas (...) necessitava de um homem da tempera de aço, que sem temer o catolicismo imperante, e afrontando um governo déspota (...) deveria sereno e impávido, forte e incansável, lutar sozinho contra um exército colossal de inimigos fortes, falsos, hipócritas e vingativos, a fim de redimir uma nobre, legendária e grande nação (...).

Este homem apareceu.

Era Francisco Ferrer.¹³²

Na edição seguinte informam sobre evento em lembrança do “Martir da liberdade de pensamento”, descrevem que dias antes foram colados panfletos pela cidade com a mensagem: “VIVA FRANCISCO FERRER, VIVA A ESCOLA MODERNA”. No mesmo dia do evento foi lançada a ideia da criação de uma Liga anticlerical na cidade. O veículo apoiou a campanha pela instalação da Escola Moderna em Bauru, noticiando reuniões de organização e manutenção

¹³¹ **A liberdade e o trabalho.** O Operário, Sorocaba, 10-12-1911.

¹³² **Francisco Ferrer.** O Baurú. Bauru, 09-10-1910

da iniciativa. Sua inauguração foi noticiada em novembro de 1913, localizada no prédio da casa maçônica “Architectos de Baurú”.¹³³

O anticlericalismo é um assunto que merece toda a atenção em “O Baurú”, sendo uma das bandeiras mais defendidas pelo jornal e uma das maiores polêmicas na qual se envolveu. Primolan (1993) identifica o jornal como um polo de reunião dos jornalistas anticlericais e livres pensadores na cidade. O pesquisador lista ainda as instituições anticlericais existentes em Bauru no período e aponta uma Loja Maçônica fundada em 1907, a Sociedade Italiana Dante Alighieri e a Sociedade Espanhola do Socorro Mútuo. Todas essas instituições figuravam com frequência as páginas do jornal, especialmente as duas primeiras. É interessante, ainda, enfatizar que Cardarelli teve forte envolvimento com a maçonaria na cidade e chegou a ser diretor da Sociedade Dante Alighieri.

O caso Idalina, como ficou conhecido o caso de assassinato ocorrido no Orfanato Cristóvão Colombo, em São Paulo, também foi um assunto de destaque em “O Baurú” no período abordado por esta pesquisa. O jornal noticia primeiramente a partir de notícias retiradas de “A Lanterna” e “La Bataglia”. O assunto é noticiado durante meses, em tom bastante agressivo em relação à Igreja, sugerindo que padres sejam os responsáveis pelo crime. Em uma das matérias é declarado sobre os religiosos: “estes homens que sem ter o menor nojo escarram descaradamente sobre a imagem do humilde Cristo”.¹³⁴

Nesse período as críticas mais pesadas à Igreja eram escritas sob o pseudônimo de “Conde Negro”. Em um de seus artigos, denominado “Jacobinismo Cathólico”, observamos o seguinte comentário, que apesar de criticar a ação dos que vaiaram um padre após a sua fala, não deixa se explicitar sua forte contestação às figuras religiosas:

Embora termos-nos uma certa asca d’estes desgraçados, pseudo hermafroditas, que, envolvidos em uma casca imunda cor de terra, vagueiam, insultantes e desconfiados, pelas ruas da cidade, não admitimos que qualquer

133 **Escola Moderna**. O Baurú, Bauru 28-09-1913; **Escola Moderna**. O Baurú, Baurú, 09-11-1913.

¹³⁴ **Onde está Idalina?** O Baurú. Bauru, 26-02-1911

pessoa, por mais acérrima anti religiosa que seja, tenho direito de insultar um ente inominável que passa calado, de cabeça baixa, talvez envergonhado do ridículo papel que representa n'esse século iluminado e descrente ¹³⁵

A discussão continuou a ser abordada ao longo dos anos de publicação do jornal, e o grande diferencial entre o bauruense e o sorocabano em relação a essa temática é que “O Baurú” não cessou suas críticas no campo teórico, mas lançou mão de campanhas diretas contra a Igreja Católica local, reunindo motivos ideológicos com fatores sociais e econômicos relativos à própria cidade.

Um dos primeiros episódios que desencadeou claro desentendimento entre o jornal e a Igreja local foi a remoção do então padre da paróquia, Francisco Elias Vartolo, em 1909, e sua substituição pelo padre José Messias de Aquino. Primolan (1993) coloca que apenas dois meses antes de sua remoção havia assumido a diocese de Botucatu o bispo D. Lucio Antunes de Sousa, com a proposta de promover a hierarquização e romanização da Igreja na região, em substituição ao catolicismo popular, predominante até então, e do qual padre Vartolo era adepto. O pesquisador coloca que o padre não apresentava comprometimento com o catolicismo romanizado e vivia como muitos outros padres do século XIX e como os próprios moradores da cidade, inclusive constituindo família.

O veículo, desde o início, foi contra a sua saída e defendeu que as causas para isso foram injustas: “mais do que qualquer outro, sabemos o que se passa no seio da sociedade bauruense. As intrigas, as implicâncias, os ódios particulares e profundamente conhecemos os hipócritas, os falsos, os cínicos...” ¹³⁶ E nunca desistiu de ver o padre reinstituído em seu cargo, já que um ano depois ainda publicavam matérias cobrando o bispo que atendesse o abaixo-assinado feito pelos munícipes pedindo seu retorno ¹³⁷.

¹³⁵ **Jacobinismo Cathólico.** O Baurú. Bauru, 08-06-1911

¹³⁶ **Mais uma.** O Baurú. Bauru, 25-04-1909.

¹³⁷ Mais de 500 pessoas assinaram o abaixo-assinado.

No jornal, padre Messias era frequentemente acusado de não se interessar pelo povo de Bauru, de ser intransigente e de utilizar dinheiro da Igreja para fins particulares, inclusive construindo casa particular com dinheiro da Fábrica. Em uma matéria chegam a afirmar que: “há pessoas que preferem um filho bestializado e bandido, do que instruído por um padre que transforma uma criança inocente em uma besta inconsciente”.¹³⁸

Os desentendimentos se iniciaram logo que esse chegou à cidade e se intensificaram até a sua remoção, em julho de 1910. A população de Bauru apresentou forte resistência ao projeto do bispo e, conseqüentemente, a todos os que foram por ele enviados à cidade. Isso explica o fato de que entre 1909 e 1913 o município contou com oito vigários diferentes.

O ano de 1911 já começa engatando as discussões iniciadas com a Igreja no ano anterior. A polêmica se desenrola em torno da necessidade da construção da nova Matriz, visto que a existente se encontrava em péssimo estado. Os ataques, a partir daí, transpassaram os níveis municipais e passaram a ter como alvo principal o bispo de Botucatu, D. Lucio.

As críticas começaram quando o bispo se opôs a derrubada da Matriz e a construção de uma nova. A autoridade religiosa é chamada pelo jornal de “bispo qualquer” e é acusado de querer fazer fortuna em cima das riquezas da cidade.¹³⁹ O jornal criticava a insistência do Bispo em negar a demolição da matriz, a qual o periódico considerava um risco à vida dos bauruenses devido ao mau estado de conservação, e pedia constantemente intervenção por parte da municipalidade na questão. Na matéria “Melhoramentos”, por exemplo, do dia 26 de julho de 1911, é afirmado que “desde já a Câmara deverá intimar o Sr. Bispo Diocesano a mandar demolir aquela indecente Barraca que por deboche chamam de Igreja”.

A questão se desenrolou até 1913 quando o então prefeito Manoel Bento da Cruz também se mobilizou pela destruição da Igreja, fato que levou o bispo a promover a “excomunhão” do povo de Bauru. O jornal tratou a questão com

¹³⁸ **BRAVO!** O Baurú. Bauru, 13-06-1910

¹³⁹ **Imitando o Christo.** O Baurú. Bauru, 11-09-1910

bastante ironia, insinuando que Bispo devia pensar bem antes de tomar atitudes em relação a Bauru, pois “povo de Bauru já está acostumado a excomunhão”.¹⁴⁰ Algumas edições depois afirmam que habitantes praticamente já haviam esquecido o ocorrido.

Primolan (1993) afirma que a situação permaneceu até 1914 quando foi feito um acordo entre a municipalidade de Bauru e o Bispo, e só a partir daí pode se iniciar a organização da paróquia de acordo com as orientações de D. Lúcio. Os ataques à Igreja, entretanto, continuaram durante toda a existência do jornal.

¹⁴⁰ O Baurú. Bauru, 24-08-1913

Considerações finais

Foram aqui apresentados os resultados finais da pesquisa “Operários e imprensa no interior: *O Operário e O Baurú*”. O que se pretendeu foi analisar as características jornalísticas e ideológicas desses jornais e a representação operária contida nos veículos, buscando compreender as visões e abordagens dadas aos assuntos referentes ao universo trabalhista e a dinâmica da imprensa com viés operário praticada no interior no início do século XX.

É importante destacar que o que se obtém a partir de uma pesquisa dessa natureza é uma visão da realidade, uma análise obtida a partir da observação de veículos de comunicação específicos, que funcionam como os próprios objetos de estudo. Assim, um entendimento objetivo e exato da realidade não é o objetivo, mas sim as representações sociais presentes nos conteúdos apresentados pelos jornais, as características jornalísticas e os próprios constrangimentos presentes na dinâmica de produção.

Para tal análise, partimos do pressuposto, defendido por autores como Cruz (2000), por exemplo, de que o início do século XX representou um momento de expansão da cultura letrada e efervescência na atividade jornalística, permitindo o surgimento de pequenos jornais, focados em segmentos específicos. Entendemos, portanto, que “O Baurú” e “O Operário” fizeram parte dessa experiência comunicacional, na qual, neste caso, o movimento operário teve a oportunidade de representar a si mesmo e seus grupos aliados, por meio de publicação impressa.

Para compreensão do conteúdo apresentado por esses órgãos e sua dinâmica de funcionamento, foi observado que “O Baurú” e “O Operário” foram veículos com perfis relativamente distintos. Sendo que o primeiro tinha a intenção última de representar a sociedade bauruense e da zona Noroeste, se espelhando, em partes, nos grandes veículos existentes no período para tal, embora apresentasse forte tendência à defesa do movimento operário em um período específico de publicação (que corresponde ao abordado por esta pesquisa).

O jornal sorocabano, por outro lado, era legitimamente um jornal segmentado, voltado aos operários e à sua organização como classe. Ele se caracterizava,

principalmente, por seu perfil marcante de funcionar como um difusor de ideias, não de fatos, com foco principal no debate e preparo para a manifestação do operariado, com intenção clara de funcionar como um guia da luta.

Apesar das diferenças, pudemos observar a presença de temáticas e abordagens similares nesses periódicos e que condizem com o imaginário e ideais que embasavam a organização operária do período, como perspectivas anarquistas, anticlericais e cientificistas, por exemplo. Nesse sentido é importante destacar que os resultados aqui obtidos, condizem com os observados por Peres (2004), que identificou no veículo anticlerical paulistano “A Lanterna” a presença de grupos sociais distintos interagindo e aliando-se em busca de fortalecimento. Essa característica se revela frequente nos órgãos de imprensa que se propunham a representar o operariado.

“O Baurú” foi um jornal de tendências mistas, ligado, principalmente, às próprias questões políticas e práticas do município, apresentando, inclusive, um perfil mais factual que o de “O Operário”, apesar da forte carga de subjetividade e opinião presentes em ambos. As temáticas selecionadas pelo jornal revelavam sua ligação com o movimento operário, direta ou indiretamente, e com os pensamentos comuns entre os que defendiam a organização dos trabalhadores.

No jornal, era frequentemente denunciada a situação de penúria dos trabalhadores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, exaltadas datas comemorativas como o primeiro de maio e noticiadas reuniões, assembleias e palestras ligadas ao movimento operário. Havia, ainda, forte defesa do pensamento racional e da Escola Moderna, do espanhol Francisco Ferrer, e presença marcante do anticlericalismo. Nesse veículo, podemos observar que anarquistas, livres-pensadores, anticlericais e também os maçons estavam entre alguns dos grupos sociais que compartilhavam suas ideias no espaço disponibilizado.

Já em “O Operário”, a seleção de temáticas dizia exclusivamente a respeito dos assuntos que se relacionavam ao cotidiano operário. Nele, denúncias de abusos em fábricas, direitos trabalhistas (principalmente das 8 horas de

trabalho), união e instrução do proletariado, assim como discussões teóricas sobre correntes ideológicas eram os principais assuntos abordados. No jornal sorocabano, anarquismo, socialismo, sindicalismo, reformismo, cientificismo e anticlericalismo eram algumas das tendências que se mesclavam.

É possível observar, portanto, a presença de ideologias distintas como uma tônica nessas folhas, de maneira muitas vezes contraditória, mas também de apoio. Neles, essas perspectivas são reiteradas e desmentidas muitas vezes na mesma edição, revelando um perfil de alianças e rupturas, dependendo das situações.

Ambos os jornais apresentam outras características marcantes da imprensa operária do período, como tratamento processual da notícia, conteúdo repetitivo e tom opinativo. Embora essas tendências, pelos próprios perfis dos jornais, sejam mais aparentes em “O Operário”.

É interessante, dessa maneira, observar como jornais do mesmo período, localizados em cidades diferentes e com perfis relativamente distintos, apresentavam aproximações ideológicas e representavam a figura do operário a partir de perspectivas semelhantes, relacionadas a um projeto de organização operária que ultrapassava as fronteiras nacionais e que foi de extrema importância no início do século XX. Outro ponto diz respeito ao fato de que, não ignorando as diferenças no processo de formação, tanto Sorocaba quanto Bauru se revelavam cidades centrais para as regiões as quais pertenciam, abrigavam contingentes significativos de trabalhadores e, por esses motivos, se revelam importantes fontes para a compreensão das práticas jornalísticas no interior paulista.

Acredita-se, assim, que com este trabalho seja possível acrescentar informações sobre as práticas jornalísticas no interior paulista na Primeira República e permitir uma maior compreensão de seu processo de desenvolvimento e difusão da imprensa operária no Brasil, considerando que as informações sobre o tema, ainda são bastante escassas e dispersas.

O OPERÁRIO

Semanario de Combate

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO OPERARIA

ANNO III NUM. 114

SOROCABA, 24 DE DEZEMBRO DE 1911

As nossas mulhe- res

IV

Não a criação da mulher ali á que vive, como isolado animal, entregue a seus pensamentos, sem um amigo que lhe compreenda a existência, sem uma voz trêmula de amor, sacrificando todos os dias no altar da humanidade todas as suas mais caras recreações. A mulher do gólo, a esposa das trevas e do sepulchro, á sempre noiva de outros culhões, como a terra á sempre virgem de novo, sempre ella espera dando uma seala, espera pelo que lhe falta, toda ansiosidade, quando o possivel de arribar-se vá para os olhos seus, ella espera e morre de saudade. Sua aspiração está sempre sempre n'um voto que á imaginação pretende sempre á cada passo; mas a imaginação que á filha dos sonhos, quando ali estorxada de lha não tem mais força e sede á sustentação virginal do juizo. Uma mulher do norte ama porque tem saudade por amor, porque á amor nasceu nella, como á si a confirmação—tem em amor de templo, em amor mysterioso!

A filha do Brasil nascida e criada na vertida americana, sustentada á elevação e ao nobre, tem entusiasmo, tem poesia, tem ardor. Sua criação está em constante harmonia com a natureza. No sol arde o seu sentir, sua alma se eleva na poesia de seu entusiasmo. Desde que elle nasce, as ondas das matas, da brisa do espirito e do sentir das águas á natureza no berço. Jovem e impetuosa corre louca e saltando pela estrada do futuro de seu destino. Ama o colibri, ama á borboleta, ama o sabio á coisar, ama á vida das larvas entre verdes folhas,

ama o côco e ama a terra, ama tudo! Depois de tudo haver amado, á imaginação á leoa por entre as orações para o templo, e ella ama á Deus e á sua mãe! O côco, o altar, o organo, o livro de rezas, a Ave-Maria, a água benta, a confissão, são todos para ella só os unicos objectos de amor. Sei do templo, ama á ruca, cresce em se nome e se apresenta essa fascinadora idade, onde sua imaginação educada por sua mãe, á natureza e o templo sonora de tudo ignora não temae uma unica imagem para se abogar—ella sonha então—ella sonha!—ella sonha!—desvanece, delira!—forma um ideal á semelhança de tudo quanto viu e ouviu.

Estão não ha uma harmonia em sua alma que não seja para esse amor. Ardente e entusiasmada busca, na linguagem das flores á liberdade e consolo que lhe não dá a educação e a castidade. Seus negros e lindos cabellos brasileiros entrelaçam flores, letras que juntas formem uma só palavra, um só sentimento. A saudade, primeira melancolia de virgem—á á flor que traça no peito; á sempre viva, constancia até á morte, á o juramento que depois nas tranças, para que lh'o leia o mundo. Sua alma para e tempo, sua alma brasileira, poética e inspirada, tem para tudo uma linguagem.

Quantas vezes as águas da formosa Netherchy embalam corações que ardiam na lava de seus sentimentos e que buscavam no amphitheatro magnifico das scenas esparriz as vistas cegadas e doidas para se depois melhor poder dizer um esperança!

Quantas vezes á encantada mangueira do jardim não recebem religiosamente um suor brasileiro que foi ganhar na ramagem como uma jurta!

Quantas vezes nos tua amarela de palmeiras do Jardim Botânico, verdadeira columna de incens, não viu deslizar-se mysteriosamente passos lanchados e zumbos que se iam esconder no mais umbroso ramagem dos bambús, sanctuario de um amor que não á nosso, mas que também á encantado!

Quantas vezes esse Jardim, livro de pensamentos com suas flores, de capitulos com magdalias e dhalias, com roseiras e jasmims, de versos com cedros e de vinhetas e ornamentos feitos com os regatos, á cachoeira e o rio que não tem dado á alma somnolosa de brasileira poesia, essa consolção, esse bem estar que consiste na "dor" da saudade, nos sechos da esperança e no ardor da fantasia? Quantas vezes esse mimoso allium brasileiro, cujo fecho á o Corcovado, á cujas folhas são as ruas de plantas varias, cujos desenhos são os roçados canteiros e os grupos floridos, não tem dado á alma de mulher que geme na dor o bálsamo para uma impossibilidade que seu coração recusa!

Ab! tudo quanto efuga e acaricia á imaginação possui o Brasil—tudo quanto basta á alma, tudo quanto á torna nobre e poética possuem as mulheres do Brasil!

Continúa
Corrê do Azevedo

Salve Jesus!

Mais algumas horas, mais alguns instantes soará á hora que na humilde Galiléa, entre pastores obscuros e simples, veio á luz o grande philosopho, o serafico sabio que com suas maravilhosas doutrinas abriu um largo caminho para á ventura da humanidade!

Segundo a scriptura Jesus

veio ao mundo para remir a humanidade ou nouca semelhantes que se haviam afastado do caminho do Bem, á para alcançar tão nobre e elevado desiderato, procurou elle, simplesmente, á senda verdadeira, da qual os homens se afastaram empulidos pelo o orgulho pela mentira e pelo o egoismo.

E quão santos e altruisticos que foram os exemplos dados pelo divino mestre! Rodado sómente dos humildes e obscuros, que aliás são sempre os verdadeiros bons, soffreu elle os maiores martyrios e as mais duras privações.

Pregando o verdadeiro ideal—o socialismo—concretisado em todos os seus actos, conquistando na vida e dignificando cerimonia do lava-pés legou-nos por assim dizer um caminho juncado de flores e de doçura!

Depois de ter illuminado todos os horizontes da felicidade através de sua vida martirizada veio finalmente o sagrado. Mas não mais morrer do modo mais baixo e cruel para que á humanidade se horrorizasse do Mal e abraçassem o Bem para se defendendo entre todos.

Passaram-se os tempos. E os homens esquecidos de seus mais sagrados deveres chamaram á si o orgulho e á ambição e com esses elementos nefastos saíram da noventa te no mundo as mais horripilantes misérias.

Por isso á que diariamente se vê legiões de operarios se afundando as mais cruas privações longe das affagões da ventura que os potentados usufruem.

Não foi esse á doutrina dada pelo o divino mestre? E pois obagada á luz do serafico sabio bondoso á divina, voltar ao mundo para fazer os proutados da terra voltarem á caminho primitivo do qual agidos pelas as inconsciencias na

HOJE! -- 2 Espectaculo do HIGH-LIFE com fitas variadas

1º página de "O Operário" (24/12/1911)

Referências

- ALMEIDA, Aluísio de. **Sorocaba: 3 séculos de história**. Itu, SP: Ottoni, 2002.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. Brasil- 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BASTOS, I. A. **Sertão noroeste: o poder municipal na República Velha**. Bauru: Edipro, 2000.
- BASTOS, I. **A ocupação natural, jurisdicional e religiosa do sertão de Bauru**. 1994. Dissertação. (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 1994
- CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. **O Bravo Matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- CAPELATO, M. H. **O controle da Opinião e os Limites da Liberdade imprensa paulista (1920- 1945)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.12, n23/24, p.55-75, set. 91/ago. 92..
- CAPELATO, M. H. Imprensa na República: uma instituição pública e privada. In: CAMILOTTI, V. C.; NAXARA, M. R. C., SILVA, F. T. da. **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora Unimep, 2003. p. 139-150.
- CARMO, J.C. do. **O Jornal O Operário: algumas considerações sobre as relações de trabalho na gênese da indústria têxtil na cidade de Sorocaba**. ANPUH/SP – UNESP/Assis, julho de 2006.
- COSTA, C. **Pena de Aluguel**. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2005.
- CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana- 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.
- DULLES, J. W. F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977. p. 15-90.
- FAUSTO, B. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. São Paulo. DIFEL, 1976.
- FERREIRA, M. N. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FERREIRA, V.B. **O movimento operário e a educação na imprensa sorocabana na primeira república**. Dissertação (doutorada), UNIMEP, 2009.

HOHLFELD, A.; MARTINO, L.C., FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação**. Conceitos, escolas, tendências. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana: Imagens e representações**. Bauru: Edusc, 2004.

LOSNAK, C.J. **Imprensa “moderna“, imprensa interiorana: tensões/interações midiáticas e sócio-culturais”**, 2008.

LOSNAK, C.J. Cidadania e imprensa em São Paulo do início do século XX. In: SOARES, M.S.; VICENTE, M.M.; NAPOLITANO, C.J.; ROTHBERG, D. **Mídia e Cidadania**. Editora Cultura Acadêmica, 2012.

MARAM, S. L. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890 – 1920**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

PELEGRINA, G. R.; SERRA, N. do N. **Imprensa, um poder sempre vigilante**. Encarte do Jornal da Cidade. 04/10/87

PERES, Fernando Antonio. **Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República**. Dissertação (mestrado), USP, 2004.

PRIMOLAN, Emilio Donizete. **“A Romanização do Catolicismo na Paróquia de Bauru (1909-1936)”** Assis. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Ciências Políticas e Letras, UNESP, 1993.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: Editora E-pepper, 2007.

RIBEIRO, M. **Jornalismo, Cidade e Sociedade em O Baurú**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2013.

RIBEIRO, M. **Operários e Imprensa no Interior: O Operário e O Baurú**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2014.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo. 2. Ed. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp 1999

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em Branco e Negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XX. São Paulo: Companhia das Letras. 2001

SILVA, Paulo Celso. **De novelo de linha à Manchester Paulista – Fábrica têxtil e cotidiano no início do século XX em Sorocaba**. Sorocaba, Projeto LINC, 2000.

SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1999.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA, J. P. **Construindo uma teoria do jornalismo**, 2002. (www.bocc.ubi.pt/)

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia, 2002. (www.bocc.ubi.pt/)

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. Florianópolis: Insular, 2005.

TOLEDO, E. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 2006.